

Cada numero contem sempre uma obra completa

N.º 72

A NOVELLA POPULAR

Preço 60 rs.



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ~ ~

O REI DA INDIA



Ali, so mastro grande, estava amarrado o cadaver
do capitão do transatlantico

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Calçada do Ferregial, 23, 1.º — Lisboa
Editor e proprietário: F. A. de Miranda Sousa ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
Comp e imp. na — EMP LUSITANA EDITORA, C. do Ferregial, 23 — pertencente ao editor

NICK CARTER

O celebre policia americano
Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detetive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem fôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre polleia do mundo! O am go mais intimo a este famo o agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'e ta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de o har, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lan es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, out'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no fu oro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embargadora ou miseravel como em nenh uma outra parte; onde a policia prende um gatinho de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; on le as p'ões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das qua s, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

1. O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O ultimo crime de Carruthers.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dirigir pedidos á

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, LISBOA

Quadros synopticos

de BOTANICA

PARA A

4.ª e 5.ª classe dos lyceus

Esta obra é duma grande utilidade, para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados. Os

Quadros synopticos de Botanica

vieram preencher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Preço 200 reis

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas
Miliante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

MEMOIRAS D'UMA PARTEIRA

Assumpto empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, e m bella capa artistica 600 reis

Invasão Amarella

pelo capitão D'ANRIT

Um irre istivel movimento da raça mongolica, uma terrível conv lção dos povos que habitam a Asia lancam dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invusões amarellas, Dinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila e Tchengis Kan!

A Invasão Amarella a p r das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcidivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que lva aquellos que a portam a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo Cada numero 60 rs.

Numeros publicados

1. O Rei do Pacifico. 2. O Phantasma do Oriente. 3. Em S. Petersburgo. 4. Em c'minho de ferro. 5. Sobre um vulcão. 6. Na zona interdita. 7. Anjo e demónio. 8. O Campo dos Sup'licios. 9. Aveduras d'um repórter. 10. Ilusões perdidas. 11. Amor louco. 12. A vaga humana.

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA 60 rs.

Texas Jack

♦ ♦ O Terror dos Indios ♦ ♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo yankee, como o d'esses heroes lenjarios de antigas eras, é narrada nas empolgantes novellas que constituem a primeira serie da **A Vida d'Aventuras** com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel gaucha e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heroe de dezesseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demónio. 4. Mas: acre de Camp-Leicester. 5. O ultimo rei dos Comanches. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, polleia. 8. O Castello Mysteriorio. 9. O segredo do caçador. 10. Desforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 18. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21. Cariti, o Salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O feitiçoeiro de Prescott-Park. 24. Por ares e ventos. 25. Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de feras. 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32 A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Buffalo infernal.

Pedidos á

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

ACD
823.97
D542.99
P47 v. 3 no. 72

O Rei da India

Conan Doyle

CAPITULO II

O poder da superstição

Sherlock Holmes havia dado ordem para que o seu *yacht Sniveller* se dirigisse a Shanghai, a fim de continuar a perseguição do fugitivo Tom Flax.

Com certeza que a história não registrára, havia muitos seculos, um criminoso mais astuto e audacioso do que esse miseravel Flax. Era homem de uma crueldade que excedia todos os limites.

Havia já alguns mezes que o não menos astuto criminalista, o incomparavel Sherlock Holmes, lutava contra aquella feroz besta humana, arriscando a vida bastas vezes. Ultimamente, em Pekin, formosa cidade que o criminoso escolhera para campo das suas operações e na qual deixára tristes recordações, Tom Flax conseguira escapar á perseguição do celebre agente.

Antes, do *yacht* de Holmes ter podido fazer-se á vela para ir em seguimento do transatlantico a bordo do qual o criminoso fugia, haviam decorrido algumas horas, o que significava um sério contratempo.

O transatlantico tomára o rumo do sul. Sherlock Holmes estava na ponte do *yacht*, ao lado do capitão, perscrutando incessantemente o horizonte, mas não avistava navio algum. Por mais longe que a vista alcançasse, não conseguia discernir o navio, que, ao que elle suppunha, se dirigia para Singapura.

De vez em quando, o maruheiro que estava de vigia nos cestos de gavia do mastro real assignalava a

presença de alguma lancha chinesa ou de algum navio de marinha mercante ingleza.

Quando tal facto se dava, trocavam-se signaes com bandeiras para averiguar o paradeiro do transatlantico chinês. Ao chegar o *yacht* á altura de 20° de latitude, indicaram-lhe, por meio de signaes, que esse navio, havia virado de rumo, dirigindo-se para as ilhas Filipinas.

O capitão olhou, assombrado, para o grande criminalista, dizendo:

—Não comprehendo, sr. Holmes. Conheço todas as linhas de vapores que sulcam o mar Amarello, mas é-me desconhecida a linha das Filipinas.

—Tem razão, capitão, mas não se deve esquecer que, se se tratasse apenas de apanhar o navio chinês, a empreza não offerecia difficuldade alguma. O essencial, o importante é que a seu bordo se encontra Tom Flax, o que equivale dizer que é o proprio Satanaz em pessoa quem dirige o leme do navio. Temos que contar com um desengano.

—Então, sr. Holmes, parece-lhe que vamos na verdadeira direcção do navio? — perguntou Harry Taxon, o ajudante do criminalista, ao quarto dia de perseguição. —Não, será possivel que a direcção que nos indicaram fôsse falsa?

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—Temos que contar com isso, meu caro Harry. Nunca acreditei que o navio se dirigisse á ilha de Luzon, mas passámos já por Manila. A extraordinaria direcção que o barco fugitivo leva demonstra nos que é, effectivamente, Flax o seu piloto, não podendo restar duvida de que poud subornar o capitão, se não commetteu algum outro crime.

N'este momento, aproximou-se dosdois shomens

miss Copper, a unica mulher que seguia a bordo do *yacht*.

—Sr. Holmes,—disse ella,—quanto não daria eu para lhe demonstrar que, ao acompanhá-lo n'esta viagem, não pretendi, de modo algum, incommodá-lo! Não pode supôr quão agradável seria para mim o ver prender esse criminoso.

No mesmo instante, o marinheiro que continuava de vigia na gawea clamou:

—Navio á proa!

Estas palavras produziram effeito magico. Não só excitaram vivamente Sherlock Holmes, o capitão e Harry, mas toda a tripulação, pois todos haviam já comprehendido que iam em perseguição de um vapor onde devia ir algum criminoso.

O capitão ordenou aos machinistas que dessem toda a força.

O *Sniveller* parecia ter azas, voando sobre as ondas.

A principio não se distinguia venção um pequenino ponto no horizonte, que pouco a pouco foi augmentando até tomar a forma de um navio. Harry que o examinava attentamente com o seu binoculo, reconheceu em breve o navio no qual Flax havia fugido.

—Sr. Holmes,—exclamou o capitão de subito,—que os diabos me levem se vejo um unico homem a bordo d'aquelle navio. Se não perdi o juizo, é o navio mais extraordinario que em toda a minha vida tenho visto.

—Tambem eu não vejo absolutamente ninguém.

—E' entretanto o navio singra com toda a velocidade,—volveu o capitão, que não podia repôr-se do seu assombro.—Veja, veja, como começa a virar. Vae seguir o rumo de Oeste. Pelo visto, quer fazer-nos ir bater nos rochedos. Ah! Mas, por vida minha, não cairemos na cilada. Demasiado sabemos o que ha que fazer n'este mar de pouco fundo.

O capitão deu algumas ordens e depois de dirigir varias manobras rapidas para evitar alguns escolhos, o *Sniveller* continuou a marcha, rapido como o vento.

Ao chegar a pouca distancia do navio perseguido, o capitão ordenou que se lhe fizessem signaes com bandeiras, como é costume entre os maritimos, e, pegando no porta voz, perguntou:

—Onde está o capitão?

Ninguém respondeu a esta pergunta.

O navio parecia abandonado.

O *Sniveller* navegava á altura do navio fugitivo; todos os tripulantes do *yacht* o olhavam assombrados. Que significava aquillo? Como se explicava que existisse tão mysterioso navio, que não era governado por homem algum?

O capitão olhou silenciosamente para o criminalista e apoz um longa pausa perguntou:

—Que fazemos agora, sr. Holmes? Continuando assim, poderemos ir em perseguição do navio até ao fim da nossa vida. Devem estar todos debaixo da coberta.

—Cortar-lhe-hemos o caminho, atravessando-nos

na sua frente,—respondeu Holmes, resolutamente.—Mande arriar uma lancha; approximar-me-hei do navio com alguns homens.

Durante mais de meia hora, luctou o *Sniveller* com onavio chinês. Finalmente, conseguiu tomar-lhe a deanteira, atravessando-se-lhe na frente, para o obrigar a parar.

—O seu projecto é muito audacioso, sr. Holmes,—disse o capitão.—Se o navio vem de encontro a nós pela parte de bombordo, estamos perdidos.

—Tal não succederá,—replicou Sherlock Holmes.

Uma emoção indescriptivel se apoderára de todos os que estavam a bordo do *Sniveller*.

O capitão, habituado a cumprir cegamente as ordens do criminalista, approxinou-se do porta-voz, resolvido a dar ordens a cada instante aos machinistas. Estava agitado e nervoso, reciendo uma catástrophe.

—D'aqui a dois minutos ter-nos-ha feito ir a pique,—murmurou por entre dentes.

—Mande deitar á agua os barcos salva-vidas,—disse friamente Holmes, sem perder um segundo que fosse a sua proverbial tranquillidade.

Os tripulantes empallideceram, contemplando o mar durante um momento. Em seguida lançaram um olhar de odio para o navio inimigo.

Como bons marinheiros que eram, comprehendiam que as suas vidas dependiam de breves instantes n'aquelle momento. Se o mysterioso navio continuasse seguindo com a mesma velocidade, em breve se daria um choque horrivel.

A bordo do *Sniveller* ninguém se atrevia a respirar.

—Arreia as lanchas!—gritou de subito o capitão com voz de estentor.

Os marinheiros, como leões libertos da jaula, correram para a coberta, para estarem proximos da ultima probabilidade de salvação, no instante supremo.

O capitão adeantou-se, dizendo:

—Sr. Holmes, estamos perdidos!... Em menos de um minuto teremos ido ao fundo!...

Sherlock Holmes acenou com a cabeça affirmativamente. Levou a mão ao revolver, mas não afastava a vista um momento dos marinheiros nem do navio inimigo.

De subito, o capitão exclamou:

—Vae para! Foi necessario que Deus no ultimo momento visse o perigo que corriamos e viesse em nosso socorro!

Com effeito, o navio chinês diminuia, visivelmente, de velocidade. Deslisava sobre as aguas, impellido apenas pela velocidade que um momento antes o animava! Em seguida, obedecendo ao leme, mudou levemente de direcção, para evitar o choque com o *yacht*.

—Uma lancha á agua!—disse Sherlock Holmes com voz serena.—Quatro homens comigo. Vamos, Harry, vamos visitar o navio mysterioso!

Ao dizer isto, correu para a escada do portaló,

saltando para bordo da fragil embarcação, que estava já na agua. Harry seguiu-o, assim como *miss Copper*, que, sem perguntar onde iam nem pedir licença, se havia sentado ao lado dos dois polícias.

Movidos pelos robustos braços dos quatro marinheiros, os remos impelleram rapidamente a lancha para o navio chinês, que não podia escapar.

Sherlock Holmes ia em pé.

De repente, brilhou um clarão na janella de um dos beliches do navio chinês. Sherlock Holmes curvou-se e deitou-se, com tal rapidez e violencia que a fragil embarcação esteve prestes a sossobrar com o movimento. Uma bala passou siblando por sobre a cabeça de Harry, que ia por detraz do criminalista. A bala levou-lhe o bonnet e o joven ficou pallido como uma cadaver.

— Mestre, isto era para si.

O criminalista, que continuava agachado, disparou o seu revolver para o orificio de onde havia saído o clarão.

— O miseravel é excellente atirador, — disse elle sem mudar sequer de côr. — Se eu não tivesse observado a tempo que assomava o cano da arma, ter-mehia partido o craneo. Para a frente, companheiros, vamos devolver a Tom Flax a sua saudação.

O bote havia chegado ao lado do navio. Uma escada de corda pendia de uma das amuradas.

Sherlock Holmes foi o primeiro a subir. *Miss Copper* seguiu-o immediatamente. No momento em que Harry se dispunha tambem a subir, uma grande vaga fez afastar a pequena embarcação, de modo que elle não ponde conseguir o seu intento com a rapidez que desejava.

Entretanto, os marinheiros mais habeis e mais habituados áquelle trabalho do que o joven Harry, subiram pela escada como gatos. Um d'elles havia ficado na lancha.

De revolver aperrado, o grande criminalista começou a arrastar-se pela coberta. Os tres marinheiros que o haviam seguido estavam a seu lado. Em redor havia apenas grande numero de barricas, cordas, caixas amontoadas e outros volumes. O tres homens descobriram de subito uma duzia de cadaveres estendidos no chão, sobre a coberta.

Começaram então a revistal-a toda. A' medida que avancavam, ia augmentando de horror o espectáculo que se lhes offerencia aos olhos.

Sherlock Holmes chegou ao mastrogrande. Ali, deiteu-se, para examinar o que o rodeava.

Os marinheiros, approximaram-se d'elle com as maiores precauções, pois receiavam ser atacados de um momento para outro. Mas apenas haviam chegado ao mastro grande, retrocederam assustados, exclamando:

— Os maus espiritos!... Ah! vão os maus espiritos!...

O effeito de n'elles produziu esta exclamação não podia ser mais terrivel. Os marinheiros, excessivamente supersticiosos, fugiam precipitadamente, com o terror pintado nos semblantes.

Harry, que, como dissêmos, ficára um pouco para traz e começava a subir a escada para ir ter com o seu mestre, teve que largar-a e saltar para a lancha, para não ser atropellado pelos tres homens, que, como loucos, a desciam. Apenas chegaram a bordo, pegaram nos remos e com verdadeiro furor começaram a remar, em direcção a *Sniweller*.

Sem dar por aquella grave incidente, Sherlock Holmes e *miss Copper* ficaram sós a bordo do mysterioso navio.

O espectro que os assustadiços marinheiros haviam visto e que occasionára a sua desvairada fuga era, na realidade, horripilante.

Ali, ao mastro grande, estava amarrado o cadaver do capitão do transatlantico...

O infeliz era mongol. Os olhos, immobilizados, estavam desmedidamente abertos e na mão direita empunhava furiosamente um revolver, com o qual devia ter-se defendido desesperadamente dos seus implacaveis adversarios.

Mas só este espectáculo não teria sido sufficiente para infundir tanto medo aos marinheiros. Um prego enorme, enterrado no mastro, segurava a cabeça do desventurado. Era isto o mais horivel d'aquelle lugubre quadro...

Provavelmente, o pobre capitão havia sido amarrado pelos marinheiros insubordinados, pelos mesmos infelizes, cujos cadaveres, mutilados, estavam espalhados por toda a parte.

No entanto, os quatro marinheiros haviam chegado a *Sniweller*, levando Harry. Ali, tremulos e agitados, relatarem a lugubre aventura.

— Os maus espiritos!... Os maus espiritos!... — exclamavam elles, horrorisados.

Debalde tentou convencer-os o capitão, debalde fez todos os esforços para induzir os seus homens a irem prestar auxilio a Sherlock Holmes. Foram tambem inuteis os protestos de Harry e o seu decidido empenho de voltar sósinho ao navio. Os marinheiros impediram-lh-o, ameaçando-o de morte.

O capitão, furioso, de revolver em punho, saltou para o meio dos tripulantes insubordinados.

O valente official havia visto os seus marinheiros nos maiores perigos. Sabia bem que elles idolatravam Sherlock Holmes e que por elle haviam sacrificado a vida. Além d'isso, sempre se haviam mostrado submissos em obedecer ás ordens que lhes davam, mas n'aquelle momento resistiam com tenacidade, chegando a revoltar-se contra o capitão.

Todas as ameaças foram inuteis. Todos declararam preferir morrer a voltarem ao navio phantasma.

— Os maus espiritos!... Os maus espiritos!... — clamavam elles incessantemente.

O capitão tentou offender-lhes o amor proprio, apodando-os de covardes, mas foi tempo perdido.

Os marinheiros puzeram as machinas em movimento, o piloto correu para o seu posto e o capitão, se quiz evitar o morrer ás mãos d'aquelles homens transformados em feras, não teve outro recurso senão contemplar impassivel como o formoso *yacht* se

afastava, a toda a velocidade, do navio mysterioso.

Finalmente, o capitão e Harry, no auge do desespero e ameaçando fazer fogo contra os marinheiros, conseguiram, apoz os maiores esforços, que estes parassem as machinas ao chegarem a meia hora de distancia do inimigo.

Harry e o capitão, postados na ponte, fitavam anciosos, com os binoculos, o navio mysterioso, cuja coberta estava deserta. Em parte alguma se via o criminalista. Assim decorreu meia hora na maior incerteza. Harry estava quasi louco. Tentou, n'um momento de desespero, lançar-se á agua, para alcançar o navio a nado, mas o capitão reteve-o com energia. Aquelle mar abundava em tubarões e teria sido um suicidio arrojarse á agua.

—Reina ali o maior silencio,—disse elle.—Se o sr. Holmes corre perigo ou se julga necessario o nosso auxilio, com certeza disparará alguns tiros e então é de esperar que haja ainda tempo para tentar um ultimo esforço, ainda que tenhamos de arriscar a vida.

—Porque não nos mettemos n'uma lancha e nos não approximamos do navio?—perguntou Harry.

—Porque receio que, se fizermos isso, os nossos homens emprehendam a fuga com o *Sniveller*. Esses imbecis perderam a razão e em semelhantes condições não ha maneira de os dominar. Lembre-se, sr. Taxon, de que todos os homens, até o mais valente, teem a vida á mercê d'uma bala e que um homem transformado em fera, um homem senhor das suas acções, como infelizmente o estão agora os meus marinheiros, pôde chegar a praticar as maiores atrocidades. O marinheiro é audacioso, intrepido, não tem receio nem da tempestade, nem do furacão, nem de todos os elementos alliados, mas é extremamente superstitioso, a unica coisa que o torna cobarde. Esses homens julgam ter visto os espiritos do mal e isso, segundo uma velha crendice da gente do mar, significa a morte. Não ha forma de os convencer do contrario.

Harry ergueu de subito o braço, apontando para o navio chinês.

—Que significa isto, capitão? O navio pôe-se em movimento... afasta-se com toda a rapidez!...

O capitão pegára no oculo de mar.

—Com mil bombas! Tem razão, sr. Taxon. O navio toma outro rumo, para o noroeste.

—E Sherlock Holmes não se vê em parte alguma!—exclamou Harry.—Tanto elle como *miss* Copper desapareceram. Por Deus, capitão, não encontraremos meio, de socorrer o meu mestre? Receio que se tenha passado alguma coisa horrivel.

O capitão desceu da ponte, collocando-se de novo no meio dos seus homens.

—Marinheiros,—abradou elle,—perderam o juizo e portanto comprehendendo perfeitamente que com a logica seria impossivel lutar contra a imbecillidade. Mas tenho de os advertir que, devido á covardia de que dão provas, o sr. Holmes corre um grande perigo. São demasiado covardes para voltarem ao navio, mas

só lhes peço que o *Sniveller* o vá seguindo a pouca distancia, para que eu possa observar o que a bordo d'aquelle navio se passa.

Silenciosos, os marinheiros accederam aos desejos do capitão.

Harry Taxon, que se não contentava com aquella medida, uma especie de palliatio, insistiu em arriar uma lancha, mas de novo os marinheiros, com a obstinação que os caracterisava, se oppuzeram.

O *Sniveller* seguia lentamente o mysterioso navio. Emquanto isto se passava, dera-se no navio perseguido um extranho drama.

Sherlock Holmes não havia notado que estava só com *miss* Copper a bordo do navio chinês. Ao ouvir os gritos dos marinheiros: Os maus espiritos!... tinham se posto a rir.

Depois de revistar toda a coberta, de revolver em punho, desceu vagarosamente a escada, com as maiores precauções.

Miss Copper seguiu-o. Em parte alguma se encontrava um unico ser vivo: pareciam ser elles os unicos que estavam a bordo do navio! Sherlock Holmes fez funcionar a sua lanterna electrica, examinando cuidadosamente todos os cantos do navio.

Para qualquer parte que voltiam o olhar não se lhes offerecia á vista attonita mais que montões de cadaveres informes e horriavelmente mutilados: homens e mulheres europeus e asiaticos, em horriavel mistura... a morte irmandára-os a todos.

Ao chegar em frente da camara reservada á tripulação, o criminalista deteve-se. Escutou um momento... Não se ouvia o mais ligeiro ruido... Lentamente, abriu a porta... Alguns debéis raios de luz penetraram pelas araboas que ali havia.

Metteu primeiro para dentro o braço armado de revolver; depois entrou repentinamente, para repellar qualquer ataque de que fosse alvo. O que se lhe depa-rou era tão horriavel que Sherlock Holmes ficou um momento como que fascinado...

A uma grande meza, collocada no centro da camara, appareciam sentados os marinheiros com a comida na frente. Todos estavam nos seus logares, immoveis. Alguns tinham a cabeça encostada aos braços, outros pareciam dormir de lado, mas todos estavam mudos, convertidos em estatuas. Nem uma unica cabeça, nem um unico corpo d'aquelles desventurados deixava de apresentar las mais horribes feridas, que deviam ter produzido a morte instantanea.

Para onde quer que o criminalista dirigisse os raios da sua lanterna, descobria sempre a mesma scena: um rosto contrahido pela dor, um corpo retorcido, uma mão contrahida nervosamente pelo furor dos ultimos momentos de uma luta desesperada ou de uma aggressão subita.

Aquelle sinistro navio parecia um tumulto fluctuante...

De subito, o criminalista teve um sobresalto e *miss* Copper saltou um grito de horror.

Os raios da lanterna haviam illuminado o corpo

de um homem que apparecia acocorado a um canto, morto, ao que parecia.

Sherlock Holmes reconheceu immediatamente Tom Flax, o criminoso que ha tanto tempo andava perseguindo, o raptor de mulheres, o bandido, o assassino.

Estava morto!... Parecia ter uma ferida mortal na cabeça e o corpo crivado de golpes.

Horrorizado e com o maior interesse aproximou-se o criminalista do cadaver de tão astuto criminoso, que parecia ter encontrado de um modo tão tragico o fim das suas aventuras no meio do oceano, entre as ilhas Filipinas. Miss Copper curvou-se tambem.

No mesmo instante, porém, recuou, saltando um grito penetrante e dizendo:

—Tenha cuidado, sr. Holmes. Elle tem os olhos abertos...

O morto tinha, com effeito, os olhos abertos e deitava a Holmes um olhar glacial. Em seguida levantou-se com um sorriso de desprezo e de ironia.

Miss Copper e Sherlock Holmes correram para a coberta. Flax seguiu-os.

De um salto, collocou-se ao lado do policia, dando-lhe ao mesmo tempo uma certa pancada na mão, para fazer cair a arma que elle empunhava. Rapido e agil como um felino, saltou sobre Holmes e antes d'este o ter podido evitar sentiu-se agarrado com força pela garganta aa mesmo tempo que via brilhar na mão direita de Flax um aguçado punhal que este erguia, preparando-se para lh'o enterrar na cabeça.

Sherlock Holmes caíra na cilada. Mais uma vez aquelle malvado demonstrara que era não só um dos mais temiveis criminosos, pela rara astucia que o caracterisava, mas tambem um consummado comediante.

Mas o afamado policia não perdeu o seu proverbial sangue frio. Com uma presteza inigualavel segurou a mão direita de Tom, evitando assim a tremenda punhalada que lhe ia ser vibrada.

A luta mais horrivel se travou então corpo a corpo entre aquelles dois colossos.

Miss Copper, no entanto, puxára pelo revólver.

—Cuidado sr. Holmes,—exclamou ella,—não se mova, eu não falharei o tiro... Esse animal feroz acabará aqui as suas façanhas... Não se mexa... vou atir...

Não teve tempo de acabar de pronunciar a palavra, nem de disparar. Em roda d'ella appareceram subitamente um grande numero de bandidos, que haviam sabido occultar-se nos recantos mais escusos. Eram pequenos chinezes *coolies*, meio nús, que se arrojaram furlosamente sobre miss Copper e sobre o criminalista.

Verdade seja que poudo fazer frente aos seus aggressores durante um momento, assim como descarregára nas fontes de Flax uma terrivel punhada, que fez cair o bandido desmaiado por alguns minutos, mas a resistencia era impossivel. Tinha de succumbir ante a superioridade do inimigo. A luta era insustentavel. Enquanto lutava com dois ou tres *coolies*, outros tres seguravam-no pelas costas, amarrando-o.

No ultimo momento Sherlock Holmes deitou-se no chão, continuando a lutar desesperadamente.

Não se ouviam senão os gritos dos chinezes, a respiração offegante de Tom Flax e as pancadas que o criminalista distribuía para a direita e para a esquerda.

Com tal força elle lutava e tal era a sua habilidade em aggreir que conseguiu o que parecia impossivel: fazer afastar os aggressores durante breves instantes. Aproveitando essa circumstancia, Sherlock Holmes levantou-se e tentou fugir, mas tropeçou no cadaver d'um chinez e caiu.

Finalmente, apoz breves momentos de nova luta, Sherlock Holmes estava estendido na coberta, com as mãos e pés amarrados.

—Perfeitamente, sr. Holmes,—exclamou o criminoso com um sorriso diabolico,—nunca julguei que o tornaria a vêr tão depressa.

O assassino estava horrivel. Tinha os olhos encovados e os labios lividos e inchados, devido aos socos que recebera do seu inimigo.

Sherlock Holmes comprehendia nitidamente o que se havia dado: Flax soubera instigar os *coolies* chinezes, a escuria do raça amarella, a insubordinarem-se a bordo, e havia-o conseguido. Depois de lhes fornecer armas, elles haviam atacado e assassinado a tripulação do navio, composta de ingleses e de *coolies*.

E tinham ficado senhores absolutos do navio.

Sherlock Holmes não respondeu.

—Desta vez terá uma desagradavel recordação da aventura,—continuu Flax,—tão certo como eu me chamar Tom Flax. No praso de tres mezes deixar-me hei matar por si, sr. Holmes, se, em menos de uma semana, o senhorrão fôr cadaver. Que diz a isto, grande mestre?

Apezar de Sherlock Holmes saber muito bem que n'aquelle momento estava á mercê do faccinora, nada perdeu do seu socego e tranquillidade. Por isso, com a maior serenidade, responden á insolente pergunta:

—Digo, Flax, que me parece que morrerá ás minhas mãos no praso de tres mezes.

—E' incorrigivel, sr. Holmes,—replicou Flax, rindo-se.—Mas não percamos tempo. Póde dar-se o caso da gente do *Sniveller* conhecer o seu erro e teriamos então de sustentar um terrivel combate, que prefiro evitar.

«Vamos, levem o prisioneiro para a sala de recepção,—disse elle em chinez aos *coolies*.

Em seguida agarrou miss Copper, que estava amarrada ao policia, e levou-a para o convex.

Havia ali um canhão chinez, já muito antigo. Só o diabo podia saber como e por que elle ali se encontrava. Provavelmente o capitão do navio devia tel-o feito instalar a bordo, talvez para atemorisar os numerosos piratas que ameaçavam constantemente os navios mercantes no Mar Amarelo.

Miss Copper não comprehendia o que iam fazer d'ella! Mas ao vêr que Flax a atava á bôca do canhão, soltou um grito penetrante, grito de horror e de angustia que com certeza teria sido ouvido a bordo do *Sniveller*, se o vento soprasse para aquelle lado.

Debalde tentou a fraca mulher resistir aos assassinos, debalde estorceia as mãos e arrancava os cabellos, implorando piedade. Em menos de dois minutos, o corpo da infeliz estava fortemente amarrado á bocca do canhão, que havia de despedaçal-o.

Enquanto um dos chinezes mettia polvora no officio destinado para tal fim, Flax preparava um grande rastilho que chegava ao centro do navio, e, com um sangue frio inconcebivel, deitou-lhe fogo.

Durante alguns momentos esteve vendo avançar o fogo ao longo da rastilho, lentamente, mas com infallivel segurança.

—Miss Copper,—disse elle, regosijado com o soffrimento da pobre senhora,—d'aqui a uma hora reventará esta machina infernal e parece-me que nunca mais terá vontade de prestar serviços de espionagem ao omnipotente Sherlock Holmes. Por sua vez, este tambem aqui acabará a sua vida, mas reservo-lhe a morte das ratazanas, que é a mais digna d'elle: morrerá afogado.

Terminando com uma gargalhada brutal, Tom Flax desceu a escada que conduzia ao que elle havia chamado a *sala de recepção*.

Os *coolies* tinham collocado o indefezto criminalista estre barris vazios. Nas taboas do fundo e no costado tinham feito alguns officios, pelos quaes a agua entrava lentamente.

—Limpem a coberta,—disse Flax imperiosamente, ao ver que a agua começava a invadir o navio.

Imediatamente os *coolies* começaram a transportar de cima os cadaveres dos que haviam sido assassinados, amontoando-os em volta do policia. Por todos os lados se via o mesmo espectáculo: corpos mutilados, membros dispersos ou contundidos, e algum desgraçado que havia sido gravemente ferido, mas que ainda respirava, soltando queixumes.

—Desejo-lhe feliz viagem, sr. Holmes. Já lhe tinha dito que, se tivesse a audacia de me perseguir de novo, o seu fim seria certo como um calculo mathematico. A sua ultima hora chegou. Aqui, entre mortos e moribundos, afogar-se-ha como um gato que cae á agua.

—Pagar-me-ha todas as suas infamias, Flax,—repliquou o criminalista com apuro.—Ainda não triumphou como imagina. Eu lho demonstrarei.

«Familiarizou-se tanto com o crime que perdeu a razão de homem e só tem o instincto dos animaes ferozes.

—Ah! ah! ah! Não sejas imbecil, homem!—disse o criminoso.—Fazes-me rir.

E saiu, ficando tudo tranquillo. Apenas de vez em quando o apparente socego do navio era perturbado por um grito de horror. Holmes reconheceu a voz de miss Copper, o que significava elle encontrar-se em grave perigo.

O criminalista tentou debalde desamarrar os laços que o atavam fortemente. As cordas não cediam; não havia possibilidade alguma de sair d'aquelle inferno, a não ser que sobreviesse inesperado soccorro de fóra.

De subito, tornou a ouvir a voz do criminoso a seu lado.

Devia falar com algum desventurado como elle, mas o criminalista não poudo envair as palavras d'esse infeliz.

Ouviu dizer a Flax.

—Não queres falar, macaco amarelo? Mandar-te-hei pôr em cima do fogo para te frigrir. Dize-me o segredo. Qual é a formula? Anda depressa, que não tenho tempo a perder.

Sherlock Holmes escutava com o maior interesse. Seguiram-se uns momentos de silencio: depois voltou a falar o prisioneiro, ao que parecia.

Ouviu-se um grito de furor do criminoso e ao mesmo tempo um ruido secco, como quando se bate com força n'um corpo nú com uma taboa.

—Responde!—gritou o assassino desvairado.—Qual é a formula? Dize-m'o depressa, se não queres que te abra a cabeça no canal.

Ao criminalista causava estranheza a pressa e impaciencia que Flax parecia ter em concluir.

De subito ouviu-se um grito desgarrado que só podia ser arrancado pelo soffrimento ou pela mais atroz dor. Seguiu-se uma gargalhada brutal, na qual se reconhecia a voz do perverso Flax.

—Dize-me a formula, cão,—tornou a exclamar o criminoso carrasco.

De que se tratava? Qual seria o segredo que o malvado queria conhecer? Quaes as torturas a que submettia o infeliz?

Mas Sherlock Holmes não tinha tempo para se entregar a reflexões sobre a sorte de quem quer que fosse, visto que a sua propria preocupação.

Finalmente, apoz inauditos esforços, conseguiu, encostando-se á parede que continuava resumando agua por todos os lados, levantar-se do pavimento lhadado. Mas não poudo pôr-se em pé por causa da pouca altura do aposento. Respirava-se ali um ar infecto, o fetido era insupportavel. A agua continuava subindo.

Pela pequena porta entreaberta penetraram alguns raios de luz, podendo então o criminalista vêr um espectáculo mais horrivel, ainda do queaquelle que havia presenciado na camara da tripulação.

A agua, que invadia as partes baixas do navio, havia erguido os cadaveres que tinham sido trazidos da coberta e que fluctuavam sinistramente por todos os lados. Aqui, via-se á superficie um punho fechado, ali alguns dedos hirtos desprendidos da mão, além, uma cabeça ensanguentada. Tambem se viam os olhos abertos e immobilizados d'alguns infelizes...

Este quadro horrivel quasi fez enlouquecer o inalteravel criminalista. De subito occorreu-lhe uma idea salvadora: havia visto entre os mortos um que segurava uma espada na mão direita e que a agua trouxera para junto d'elle. Em breve concebeu um plano. Fazendo os maiores esforços, conseguiu approximar-se do cadaver. Era o ultimo momento, pois a agua chegava-lhe quasi ao pescoço...

Apoz repetidas tentativas infructiferas, conseguiu

segurar o cadaver, apesar de ter os braços solidamente amarrados, e roçando as cordas pelo gume da arma, ponde cortar os laços que o sujeitavam. Em menos de um minuto estava livre. Animado pelo triumpho, que via já proximo, agarrou a espada e cortou as cordas que lhe amarravam o corpo e os pés.

Em seguida nadou n'aquelle mar de mortos, não sem grande difficuldade, pois a água chegava já quasi ao tecto, até que, conseguiu chegar á escada.

Finalmente encontrou-se em plena luz. Um grito de espanto lhe penetrou de novo nos ouvidos. O navio afundava-se lentamente. O grito vinha do convez onde a infeliz *miss Copper* continuava amarrada á bôcca do canhão. Voltando a vista para aquelle logar, Sherlock Holmes comprehendeu o perigo imminente em que a sua valente aliada se encontrava.

Aproximou-se resolutamente do canhão no momento preciso em que via desaparecer a chamma do rastilho no pequeno orificio da polvora.

Chegára demasiado tarde!... O criminalista ficou um instante suspenso á espera de que occurresse alguma coisa de horrivel... O tiro despedaçaria infalivelmente o corpo de *miss Copper*... mas o assombro do genial policia durou apenas um segundo. Sem se preoccupar com o perigo a que se expunha, correu para o canhão. Os sinistros planos do criminoso goraram.

Ao metterem a polvora, os *codies* não haviam reparado em que ella estava humida, o que fez com que a chamma se apagasse ao chegar á extremidade do rastilho.

Esta casualidade inesperada e verdadeiramente providencial tinha salvo *miss Copper* e a Sherlock, que teria morrido juntamente com ella.

Com agitação febril e inconcebivel rapidez Holmes desamarrou a prisioneira, levando-a nos braços para o unico bote de salvagão que restava no navio.

Nem no navio nem nos arredores se via viva alma.

O capitão do *Sniveller* viria uma pequena lancha chinesa ser lançada ao mar e afiastar-se a toda a pressa do mysterioso navio, dirigindo-se para um dos pequenos ilheus do archipelago.

O criminalista, que continuava a bordo do navio, o qual lentamente se ia afundando, desamarrou as amarras do bote. O navio phantasma continuava afundando-se, afundando-se... Mais de metade havia já desaparecido debaixo d'agua...

Sherlock Holmes teve tempo de saltar para a pequena lancha e poucos momentos depois o navio sumia-se para sempre no abysmo. O redemoinho que se produziu á superficie das aguas balouçava ainda a fragil embarcação, fazendo-a girar rapidamente.

O criminalista luctava debalde por imprimir direcção á lancha. Finalmente, apoz alguns minutos de desesperada lucta, conseguiu afastar-se do redemoinho.

Quando se julgava já livre, viu alguma coisa de extranho na lancha. Olhou com attenção e viu que estava aberta. Tres minutos depois, tinha a mesma sorte do navio.

Miss Copper desmaiára devido á angustia e á dôr que lhe produzia a enolta pressão em que fôra

amarrada. Por isso, não podia sustentar-se ao lume d'agua. Sherlock Holmes, bom nadador, segurou-a com a mão esquerda, sustendo-a ao lume d'agua, enquanto com a direita se esforçava por nadar em direcção ao seu *yacht*.

Entretanto, de bordo do *Sniveller* haviam visto os dois naufragos. Deitaram immediatamente uma lancha á agua e poucos momentos depois do navio chinês se ter afundado, estavam Sherlock Holmes e *miss Copper* salvos, a bordo.

CAPITULO II

Em lucta com os piratas

Apenas Sherlock Holmes voltára a assumir o commando do *Sniveller*, os marinheiros correram a apresentar-se-lhe, pedindo-lhe perdão.

Haviam comprehendido finalmente que se tinham enganado e que o que haviam tomado pelo espirito do mal não era mais que o desventurado capitão do navio naufragado.

Sherlock Holmes nada respondeu ás desculpas dos marinheiros. Erguendo-se e estendendo o braço na direcção que o fugitivo Tom Flax havia seguido, disse com energia:

—Espera-nos uma lucta de vida ou de morte. O criminoso não pôde escapar-nos ainda que se occultasse no fim do mundo. Temos de prendel-o. Cumpram o seu dever, mostrem que são ingleses!

Este curta arenga, proferida com o tom energico e resolutu que Sherlock Holmes sabia empregar, produzia o desejado effeito.

O *Sniveller* dirigiu-se com toda a velocidade para um pequeno ilheu que ficava proximo da ilha de Borven.

—Não podemos avançar mais,—disse de subito o capitão.—Se continuamos navegando n'estes logares enlancharemos e daremos um triste fim a esta desgraçada expedição.

—O assassino desapareceu por ali,—volveu Sherlock Holmes.—Para a frente! Mande arriar uma lancha e perseguremos esses canalhas.

Depois de ficar alguns momentos pensativo, o capitão replicou:

—Cabem apenas cinco homens na lancha, sr. Holmes. Com o senhor e o sr. Taxon seriam sete. Flax leva com elle, pelo menos, uma duzia. Além d'isso, estes logares são muito perigosos, pelos muitos piratas que os infestam, e receio bem que Flax se reuna com elles.

—Muito bem. Suppondo que tenha razão, que importa isso? Cre que sete homens honrados não são sufficientes para luctar com uma duzia de piratas asiaticos?

Estas palavras foram dirigidas ao capitão, mas o criminalista não olhou para elle, e sim para os ma-

rinheiros que estavam em redor e que esperavam ordens, os quaes applaudiram phreneticamente essas palavras, pois o unico desejo que sentiam era o de reparar a falta que haviam commettido.

Todos queriam fazer parte da expedição. Sherlock Holmes escolheu os cinco que lhe pareceram mais valentes. A lancha foi deitada á agua e abastecida de viveres e munições.

No momento em que ia afastar-se, appareceu miss Copper.

—Sr. Holmes, sr. Holmes,—exclamou ella,—já se não recorda da sua promessa de me deixar participar das alegrias e tristezas d'esta expedição? Não quer permittir-me que tome parte na lucta?

O criminalista sorriu-se. A firme resolução, o animo varonil da miss agradavam-lhe extraordinariamente. Depois examinou a lancha em que todos se haviam já sentado.

—Ainda ha lugar para a sehora,—disse um dos marinheiros.

Ella saltou tambem para a lancha.

Afastaram-se do *yacht*.

Depois de navegarem por mais de duas horas, contornando grande numero de rochedos e passando por grutas e pequenas bahias, chegaram ao sitio onde desembocava um pequeno rio que atravessava o ilheu.

Até áquelle momento nada haviam descoberto que lhes revelasse a presença de Tom Flax ou dos seus cumplices.

Sherlock Holmes suppunha que os criminosos não haviam deixado de aproveitar a occasião que se lhes proporcionára de se internarem no ilheu, subindo o rio, até encontrarem um sitio onde pudessem occultar-se. Nas duas margens do rio cresciam plantas tropicaes de exuberante folhagem e altura gigantesca.

A expedição penetrára até ao interior do ilheu, sem obter o menor oxito.

Osol havia mergulhado no horizonte e não tardou que tudo ficasse envolto nas trevas. Era uma noite tepida, formosa, uma d'essas noites dos tropicos, claras e serenas: a temperatura estava um pouco fria.

Sherlock Holmes resolveva emprender n'aquelle mesma noite uma excursão ao interior.

Proximo da margem, Harry vira uma fonte, para a qual se dirigiu, a fim de fazer provisão de agua.

De subito, Sherlock Holmes ouviu um tiro, depois outro e outro, uns sete ou oito. Preparava-se já para saltar em terra quando viu Harry Taxon chegar a correr, ofegante.

Atraz d'elle seguiam como que uma duzia de sombras. Eram os seus perseguidores, que traziam vestuarios phantasticos e iam armados de lanças e espingardas. Ao verem a lancha, os perseguidores ficaram um momento perplexos, sem saber que partido tomar.

N'osse momento os marinheiros e Holmes deram uma descarga cerrada sobre os bandidos.

Harry chegou ao bote, sem novidade.

—Encontrei um acampamento de, pelo menos, duas duzias de piratas,—exclamou Harry sem poder ainda respirar livremente.—Flax está entre elles.

Ainda Harry não acabára de proferir estas palavras, quando de todos os lados se ouviram assobios.

Harry não se equivocára no numero dos bandidos. Pelo menos appareceram trinta ou quarenta, todos malayos, e, portanto, selvagens. Haviam-se arrojado á agua, nadando furiosamente para o grupo dos valentes. Iam armados de aguçados punhaes, lanças e espingardas.

Mais de uma vez tivera Flax occasião de disparar á vontade sobre o criminalista, mas estava muito preoccupado com a sua reaparição. Não podia conseguir comprehender como aquelle homem extraordinario havia podido escapar á morte certa que lhe havia preparado com requintada crueldade a bordo do navio chinês. Formára o proposito de apanhar Sherlock vivo e por isso contentava-se em excitar e animar os malayos para que matassem aquelles valentes.

Apezar da heroica resistencia que os sete bravos oppunham aos piratas, apesar do terror que Sherlock Holmes infundia aos selvagens, teriam sido fatalmente vencidos se não surgissem uns alliados como os quaes nem uns nem outros dos combatentes haviam contado.

Dois marinheiros haviam já caído sob os certos golpes dos malayos; além d'isso, todos os tripulantes da lancha, incluindo Sherlock Holmes e miss Copper, estavam mais ou menos feridos.

Tom Flax começava a soltar gritos de triumpho, quando repentinamente soaram no espaço gritos de desespero e de horror.

Quasi uma duzia de piratas desapareceram simultaneamente debaixo d'agua, sem poderem soltar um unico grito.

Os restantes começaram a gritar horrorizados e emprehenderam uma fuga precipitada.

Em redor da lancha viram-se de subito os focinhos de enormes crocodilos, que haviam descido pelo rio, caindo sobre os piratas, em que encontraram uma preza inesperada. Mais de uma duzia succubiu.

Sherlock Holmes comprehendeu que se não devia arriscar a segundo combate. O mais prudente era alcançar o *Sniveller* o mais depressa possivel e descançar e recuperar novas forças para continuar a lucta.

Antes dos piratas terem tido tempo de reunir-se, os bravos marinheiros tinham emprehendido o regresso.

Impellida pelos esforços conjugados do criminalista, de miss Copper e dos tres marinheiros sobreviventes, a fragil e ligeira embarcação descia o rio como uma setta, para chegar ao mar livre.

O primeiro cuidado de Sherlock Holmes ao por pé no seu navio foi dirigir-se aos tripulantes para lhes dizer que se preparassem para um desembarque no ilheu maldito e que todos que estavam a bordo deviam segui-lo. Estava resolvido a fazer uma excursão ao interior, para dispersar e infligir um severo castigo aos malfeteiros. Mas não contára com o numero e a força dos inimigos.

De manhã cedo, no dia seguinte, aquelle em que devia effectuar-se o desembarque, o vigia que estava no cesto de gavia disse:

—Navio por vante!

O mesmo aviso repetiu-se tres ou quatro vezes.

Efectivamente, dentro em pouco surgiram no horizonte as enfunadas velas de quatro juncos malayos.

Com o auxilio do oculo, o capitão observou durante alguns instantes os movimentos das embarcações.

— Sabe o que isto significa? — perguntou elle a Sherlock.

— Sim, capitão. Que seremos atacados.

— Exactamente e que, além d'isso, o *Sniveller* será rodeado e atacado simultaneamente por quatro navios da mesma tonelagem da d'elle. Recuo, sr. Holmes, que isto acabe mal.

— Não fale d'esse modo, capitão. Supponho que não quererá fugir deante de um punhado de ladrões.

— Sr. Holmes, não se pôde negar que o senhor tenha corrido meio mundo e que se tenha visto nas maiores difficuldades. Respeito muitissimo as suas excepcionaes faculdades e a sua indiscutivel autoridade em todos os perigos que se possa correr em terra firme, mas permita-me que lhe diga que desconhece o risco que corre um *yacht* como o *Sniveller* quando é atacado por quatro lados. Creia-me, não seria a primeira vez que esses piratas fizessem ir um navio a pique.

— Mas será a primeira vez que um navio como o nosso sustente gloriosamente a luta contra taes piratas; — replicou o genial policia com o maior apurmo. N'aquelles angustiosos momentos, a tripulação parecia confiar mais em Holmes do que no capitão. Cada um correu para o seu posto: todos pegaram em armas e se prepararam para sustentar a luta.

— Vamos simular uma retirada vagarosa, — disse Sherlock, — para alcançarmos o alto mar durante o combate. Aqui não poderemos manobrar com liberdade inteira e d'isso depende o exito.

— Sou da mesma opinião, — voltou o capitão.

No entretanto, os juncos haviam-se approximado tanto que se podia vêr os bandidos nas cobertas.

Um dos juncos ia munido de um canhão, que disparou sobre o *Sniveller*, sem causar grande damno.

Os bravos inglezes responderam com uma gargalhada ironica. Emquanto o *Sniveller* manobrava habilmente para alcançar o alto mar, travou-se uma luta feroz, unica na sua especie. De todos os lados começou um aturado tiroteio. Os juncos approximavam-se, cada vez mais e dois atravessaram-se em frente do *yacht* para lhe cortarem a retirada e impedir que elle avançasse, mas um gracioso e rapido movimento do *Sniveller*, que os peizados navios de vela não puderam impedir, evitou o embate, avançando um pouco mais.

O junco maior disparou um segundo tiro de canhão, d'esta vez com mais sorte, pois, alcançando o projectil o *yacht* pela parte de bombordo, abriu-lhe um rombo de certa importancia.

Todos os que estavam a bordo, incluindo o proprio Sherlock Holmes, ficaram perplexos alguns instantes ao vêrem a avaria causada ao elegante navio que não fôra construido nem armado para sustentar taes luctas com os bandidos amarelos.

No interior do *yacht* ouviu-se um ruido surdo, produzido pela agua, que entrava ás golfadas pelo rom-

bo aberto. Era um contratempo serio que difficultava a liberdade de movimentos do navio e obrigava meta-de da tripulação a acudir ás bombas, para evitar que se afundasse.

O junco que causára a avaria, o maior dos quatro, approximava-se rapidamente.

— Chegámos ao momento critico, sr. Holmes, — disse o capitão. — Poderemos vender caro as vidas, mas a salvação é impossivel.

Sherlock Holmes não respondeu. Deu ordens rapidas e os marinheiros occultaram-se em todos os lados, por detraz de barricas, entre montes de cordas, agachados detraz da amurada: esperavam, impassiveis, a chegada do inimigo, para dispararem as armas ao mesmo tempo e causarem-lhe o maior damno.

De subito a voz do criminalista rescou poderosa: — Fogo!

A prova mais evidente do destroço que causára a descarga cerrada foram os gemidos que se ouviram no navio pirata. Mas não retrocedeu.

Subitamente o *Sniveller* sentiu um estremecção, ainda que ligeiro. O junco havia-o abordado. Os bandidos saíram d'elle, subindo como formigas pelo costado do *yacht*.

A luta adquiriu então um caracter horrivel: travára-se corpo a corpo. Absorvidos no fragor da peleja, não viram que um navio de grande calado se acercava a toda a velocidade.

Emquanto a bordo do *Sniveller* se sustentava uma luta sangrenta, encarniçada, atroaram o espaço varios tiros de canhão. Os piratas estremeeceram. Os dos juncos afundára-se em poucos segundos, outro teve a mesma sorte d'ahi a pouco e um terceiro içava as velas para se safar. Finalmente, o quarto não podia fazer outra coisa senão render-se com toda a sua tripulação.

Algumas lanchas tripuladas por soldados haviam-se dirigido para o *Sniveller*. Sherlock comprehendeu immediatamente que um navio de guerra os tinha salvo.

Animados os inglezes com tão providencial reforço tomavam novo alento, continuando o ataque com verdadeira furia. Os piratas entenderam a fuga.

A coberta do *yacht* estava limpa de piratas cinco minutos depois.

Um official japonex dirigiu-se para o criminalista, estendendo-lhe a mão.

— Chegámos a tempo, — disse elle.

Sherlock Holmes acenou affirmativamente com a cabeça, emquanto com um ligeiro sorriso celebrava o triumpho. Harry Taxon estava ferido.

— O commandante do *Nischo* — era o nome do navio de guerra — pede-lhe se digne visitar-nos, — continuou o official.

— D'aqui a meia hora terei a honra de o ir cumprimentar, — respondeu o criminalista.

Depois de pensar as feridas de Harry, Sherlock, com o seu joven ajudante, metteu-se n'um bote, para se dirigir ao cruzador japonex.

O commandante, com palavras elogiosas, enalteceu o valor dos inglezes.

Quando soube o nome do grande criminalista, a quem havia salvo d'uma morte certa, o commandante mostrou-se ainda mais satisfeito.

—Que feliz casualidade!—disse ella.—Felicitto-o sinceramente pelo valor de que deu provas. O Mikado não deixará de lhe exprimir os seus agradecimentos quando saiba que andava aqui auxiliando-nos.

—O meu desejo é extirpar os piratas,—responden Sherlock.—Mas, antes de tudo é preciso que caia em meu poder o chefe d'essa horda de bandidos.

—Nesse caso, animam-nos os mesmos propósitos.

E voltando-se para os seus subordinados, fez um signal a um joven official, de robusta compleição e feições energicas, que se approximou.

—Tenho a satisfação de lhe apresentar, sr. Holmes, o sr. marquez de Ito, descendente do celebre diplomata japonês do mesmo nome. O governo do nosso paiz mandou o procurar o capitão Fuschino, que estava a bordo de um navio chinês, no qual, segundo informações que temos, rebentou uma insurreição. Até agora, porém, ainda não conseguimos encontral-o.

Sherlock Holmes lembrou-se immediatamente da horrivel scena de que fôra testemunha a bordo do transatlantico chinês. Provavelmente Fuschino era o infeliz que havia sido tão barbaramente martyrisado.

—Tambem eu procurei aquelle que instigou o motim a bordo do transatlantico. Esse miseravel torturou um homem para lhe arrancar um segredo.

O commandante e o marquez de Ito perguntaram: —E revelou-o? Ouviu alguma coisa?

Sherlock Holmes acenou negativamente com a cabeça.

—Foi elle... foi elle!—dizeram os japonezes.

O commandante do cruzador dirigiu-se de novo a Sherlock, dizendo:

—Deve surprehender-o a nossa emoção, mas facilmente a comprehenderá quando lhe dissermos que o capitão Fuschino devia levar para Tokio uma das mais importantes descobertas do seculo XX. Trata-se de uma invenção, um explosivo cujo poder não tem rival até hoje. O governo do Mikado comprou essa invenção a um engenheiro chinês por intermedio do capitão Fuschino e este levava-a consigo para ir entregal-a em Tokio.

—Nesse caso, foram horrosos o soffrimento e os martyrios de que o desventurado capitão foi victima,—replicou Holmes a meia voz.—Creio que o bandido está agora senhor do segredo. E' o criminoso peor que até hoje tenho conhecido. Chama-se Tom Flax e de ha muito que com elle venho sustentando uma luta de morte.

—Temos que procurar-o e não descançar emquanto o não tivermos em nosso poder,—exclamou o commandante, cerrando os dentes.

—Nesse caso, queira apertar a minha mão em signal de alliança. Proseguimos o mesmo fim.

Algumas companhias de soldados japonezes foram mandadas revistar o ilheu, que era o refugio dos piratas.

Apoz uma luta sangrenta, soffreram estes comple-

ta derrota. Os vencedores encontraram o cadaver do capitão Fuschino: haviam-lhe cortado o nariz e as orelhas e ferido horrosamente o corpo.

Contudo, Tom Flax conseguira fugir em direcção a India, ao que Sherlock Holmes pôde saber por algumas confidencias que lhe fizera.

Depois de conferenciar alguns momentos com o commandante do navio japonês, despediu-se d'elle.

O Sniveller havia reparado as avarias e Harry Taxon recebera ordem de Sherlock Holmes para cruzar no mar da China e ir fundear em Calcuta, atravessando o estreito de Malaca. Ali devia esperar ordens, enquanto o criminalista resolveu dirigir-se ao Tonkin, onde o governo francez pôz ao seu dispor cavallos e alguns homens para o escortarem.

Ali ponde averiguar que, effectivamente, Tom Flax atravessára o territorio francez, dirigindo-se para a India ingleza. Acompanhado por miss Copper, que persistia em tomar parte na expedição, o grande policia foi em perseguição do bandido.

Havia encontrado um novo alliado, o marquez de Ito, que recebera do governo japonês ordem de procurar reaver o segredo da invenção do explosivo.

CAPITULO III

O terror em Lahore

Na capital da provincia indiana Pandsehab, tão celebre pelas suas lendas, na formosa capital Lahore, sita na margem do imponente rio Daman, reinava a mais viva commoção.

As noticias que os inglezes recebiam d'aquella provincia e das provincias proximas eram dia a dia mais alarmantes. Varias vezes haviam tentado sublevar-se e pegar em armas os indigenas, mas o governo da India ingleza conseguira dominar e submeter sempre os revoltosos. Entretanto, n'aquella occasião a revolução parecia tomar proporções verdadeiramente alarmantes: fôra iniciada pelos Thugs.

Assim se explica que em Lahore estivessem reunidos grandes contingentes de tropas fiéis. N'um campo chamado o Fathepur-Sikri, nos arredores da cidade, estava acampado um regimento. Os officiaes alojavam-se n'um palacio antiquissimo que ali havia, edificio construido de marmore e oiro.

A officialidade estava reunida n'um banquete dado para celebrar a brilhante revista militar que tivera logar na manhã d'aquelle dia e que fôra presenciada pelo vice-rei da India, vindo expressamente de Bombaim acompanhado de uma princeza ingleza, que andava fazendo uma viagem em roda do mundo.

Era, pois, natural que a guarnição ingleza fizesse tudo quanto estivesse ao seu alcance para preparar uma recepção brilhante a tão elevadas personagens e especialmente a princeza. Tambem havia chegado, juntamente com o vice-rei, o rajah de Nepal, o chefe do

unico Estado que conservava na Índia a sua independencia.

Tanto elle como o vice-rei assistiram tambem ao banquete. Depois de fazer os brindes, o rajah Dalip Singh Amur saiu do palacio.

Os ultimos raios do sol espargiam reflexos dourados sobre as cupulas das mesquitas e banhavam de luz a fachada do palacio de marmore e oiro.

Difficilmente se poderia encontrar no mundo local mais bello e profenso ao sonho do que o jardim «Schalimar», que quer dizer «jardim das alegrias». Fôra construido pelo Shah Dschahan para legar ás gerações vindouras um monumento de belleza e esplendor.

A vista não se cansa de admirar os sumptuosos jardins que estão disseminados nos tres terraços. Por todas as partes apparece prodigiosamente dispersa a riqueza da exuberante flora indiana tão rica em plantas tropicaes.

Dalip Singh Amur subiu lentamente a escadaria de marmore que conduzia ao segundo terraço.

As amplas folhas das palmeiras caíam roçando quasi pela cabeça do principe indio, mas este parecia não se preoccupar com as bellezas da natureza. A frente da angusta personagem enrugou-se ligeiramente e olhou ao longe, como se procurasse alguém.

De repente deteve-se, levando a mão ao punho da espada, que, cheia de brilhantes, lhe pendia do cinto.

Das sombras de uma avenida de arvores, denominada avenida dos Deuses, saíra uma joven. O corpo fino e esbello apparecia envolto n'um precioso tecido de seda, perfeitamente justo, de modo que se destacavam maravilhosamente os harmoniosas linhas do corpo, que pareciam esculpidas em alabastro.

Era ingleza, o que se conhecia pelo seu andar, pelo cabelo loiro, pelos seus olhos transparentes e pelas feições energicas.

O principe aproximou-se d'ella com rapidez. Logo que a formosa ingleza fixou n'elle o olhar, desapareceu-lhe o rosado das faces, para ser substituido por uma pallidez marmorea.

—O rajah de Nepal!—murmurou ella, fazendo-lhe uma saudação tão digna como respeitosa.

—Andava em tua procura, radiosa flor do Oeste,—disse o indio, fixando um olhar ardente nos formosos olhos da ingleza.—Recordas-te da ultima vez em que nos encontramos?

Um ligeiro estremecimento agitou o corpo da joven, que respondeu:

—Recordo-me perfeitamente. Foi em Katmandu, quando, em companhia do meu noivo, o tenente White, acompanhava a embaixada ingleza.

O principe acenou com a cabeça.

—Falas de Harry White? Não é ainda teu marido, apesar de terem decorrido mais de doze mezes desde então?

A ingleza purpureou-se, respondendo com frieza: —Parece-me, principe, que isso é exclusivamente commigo.

Em seguida, com um sorriso não desprovido de certa garridice, acrescentou:

—A vida é tão formosa! Que razão pôde levar-me a privar-me da liberdade que agora disfruto?

O principe não deixava de olhar para ella avidamente.

—Dize-me, formosa nympha do harem dos Deuses, recordas-te do que n'essa occasião te disse?

Apoz uma breve pausa durante a qual o principe guardára silencio para esperar resposta, a joven, fazendo um signal affirmativo com a cabeça:

—Encontravamos nos no jardim,—disse ella,—á mesma hora de hoje, mas supplico-lhe que me não recorde esses momentos. O principe abusou da minha hospitalidade, tentando forçar-me a ser sua amante, chegou a atrever-se a...

—Estou habituado a atrever-me a tudo,—disse o principe, interrompendo-a.

Com paixão, que teria sido difficil occultar, pegou nas mãos da joven, olhando-a fitamente.

—Tinhas crido que o principe Dalip Singh Amur te havia esquecido? Pois enganas-te. Julgas, formosa e orgulhosa joven, brilhante flor do jardim da alegria, crês que Dalip Singh muda tão de repente de sentimentos? Pois enganas-te. Esperava esta hora, mandei-te seguir pelos meus espiões de dia e de noite e estou resolvido a conquistar o teu amor, ainda que para isso tenha de empregar a força, ainda que tenha de passar por cima de um monte de cadaveres e atravessar um mar de sangue para chegar junto de ti.

«Uma corôa com mais de cem diamantes está já preparada para adornar a tua cabeça e mais de cem escravos esperam as tuas ordens... basta-te pronunciar uma palavra.

Aquelle que assim falava segurava os pulsos da joven e tinha fitos n'ella os seus ardentes olhares.

De subito houve um movimento por detraz d'uma moita. Nem a joven nem o indio haviam visto um official inglez que se aproximava d'elles.

—Como, infame. Atreves-te a ultrajar uma mulher ingleza?—exclamou o joven tenente, com o olhar incendido.—Vaes pagar caro o teu atrevimento, cão indio.

Rapidamente a refulgente espada do official sibilou no ar, deixando um vergão encarnado na frente do indio.

Durante um momento, pareceu que o principe ia precipitar-se sobre o official. Levou a mão tremula á espada e os olhos verdes brilharam como opalas.

Em seguida saergueu a estatura e pallido como um morto exclamou:

—Lembrar-te-has de mim, tenente. Vou apresentar uma queixa ao vice-rei.

O tenente deu uma gargalhada e, enquanto o aggreddido se afastava a passos precipitados, aproximou-se de miss Waller, sua noiva.

—Harry, isto acabará mal,—disse a joven—Não comprehendo o procedimento do principe.

As primeiras sombras da noite haviam já estendido os seus véus. Quando o principe atravessava o vasto jardim que rodeava o castello, aproximou-se d'elle, de subito, um homem que havia permanecido

oculto detraz d'algumas arvores. O principe deteve-se, falando com elle, durante uns cinco minutos, em voz baixa e animadamente. Em seguida penetrou no palacio regio.

Uma hora depois chegava um creado, offegante, á sala em que se celebrára o banquete e em que os convivas estavam ainda reunidos.

—Excellencia, — disse com o rosto contrahido, — sua alteza a princeza desapareceu... foi raptada... os guardas foram assassinados. Nada mais se sabe.

Estas palavras produziram uma emoção indescriptivel.

Como um raio todos se puzeram em pé. O vice-rei deu ordens para que toda a guarnição se puzesse em campo a fim de procurar os raptadores.

—Causa-me grande satisfação o facto do principe ser testemunha d'esta inorivel violencia, d'este audacioso ultraje á nação ingleza, — disse o vice-rei, dirigindo-se ao rajah, enquanto os officiaes corriam em todas as direcções para se pôrem á frente dos seus regimentos.

—Acompañal-os-hei tambem, — respondeu o principe. — Não ha duvida de que os auctores de tal facanha foram os Skis, a tribu mais criminosa e atrevida de toda a India. Só elles podem ter tido tanta ousadia.

—Tem razão, mas, antes de tomar uma resolução definitiva, quero ouvir os officiaes que passaram busca ao palacio da princeza.

N'aquelle momento chegaram tres coroneis.

—O palacio da princeza foi assaltado por uma quadrilha, — disseram elles. — Apenas encontramos este livro.

Um d'elles entregou ao vice-rei um velho volume escripto em folhas de pergaminho e cheio de signaes mysteriosos, que nem o proprio interprete indio havia conseguido decifrar.

—E' um Ganth, livro sagrado dos Skis, — disse o principe. — Debalde tentarão decifrar estes enygmas.

Os tres coroneis, com o vice-rei e o rajah, saíram, montaram a cavallo e acompanhados de cem cavalleiros afastaram-se, envoltos nas sombras da noite.

Não tardou que encontrassem a direcção que a quadrilha de salteadores havia tomado. Enquanto toda a guarnição de Lahore se preparava para seguir a vanguarda da expedição, esta encaminhou-se para a montanha de Dschamu.

Algumas horas depois seguiam o mesmo caminho varios regimentos.

De subito saiu-lhes ao encontro um cavalleiro, com o corpo ensanguentado, e vindo o cavallo coberto de espuma. Era o rajah de Nepal.

—Soffremos uma completa derrota, — disse ao general commandante das forças, que se lhe dirigiu pedindo noticias do vice-rei e do seu estado maior. — Caimos n'uma emboscada que nos fôra armada. Vi-mos de subito cercados por milhares de indigenas nas montanhas Dschamu. Não sei qual o numero de mortos nem o dos prisioneiros. Devo a salvação á ligeireza do meu ginete.

O rajah seguiu para Lahore enquanto o general organizava uma guerrilha para ir bater os insurrectos.

O combate que se seguiu foi tambem desfavoravel aos inglezes, que tiveram que bater em retirada.

A revolução alastrava por todo o territorio da India. O vice-rei, assim como o capitão general que commandava a expedição, haviam caído em poder dos rebeldes e parecia proximo o momento em que a Inglaterra perderia a melhor das suas colonias.

N'aquelles momentos de angustiosa incerteza, o rajah de Nepal era indispensavel ao governo inglez; por isso, quando elle foi no dia seguinte expôr a sua queixa ao general commandante da praça de Lahore sobre o attentado contra elle commetido pelo tenente White, foi este intimado para comparecer perante um conselho de guerra e, em sessão secreta, condemnado a pedir perdão ao principe indio e a dois mezes de prisão n'uma fortaleza.

O official ouviu ler a sentença, rangendo os dentes.

Na manhã seguinte foi encontrado assassinado o general que presidira ao conselho de guerra. Outro official de elevada patente, que fizera tambem parte do conselho, foi assassinado n'uma escura viella.

Os crimes succediam-se ininterruptamente.

N'essa mesma manhã, um official foi participar ao chefe da policia de Lahore que o capitão Wilson fôra tambem assassinado: o seu cadaver fôra encontrado em frente da habitação de miss Waller. Tinham-lhe tirado o uniforme e a espada.

O chefe da policia dirigiu-se immediatamente ao local do crime, submettendo miss Waller a um demorado interrogatorio.

—Como se encontrava o official em sua casa? Sabe alguma coisa do seu assassinio?

—Nada absolutamente sei.

Mas a confusão da joven e algumas contradicções em que havia caído fizeram conceber suspeitas ao chefe da policia, o qual estava resolvido a desvendar o sangrento drama.

—Sabe mais do que confessa, — disse elle. — E ainda mesmo que esteja innocente do crime, pelo menos poderá dizer-nos quem foi o assassino?

—Não sei.

A joven mentia, mas, pouco habituada á dissimulação, deixava adivinhar que as suas palavras não eram verdadeiras.

—Se não confessar toda a verdade vêr-me-hei forçado a prendê-la, — disse elle.

Um dos officiaes que o acompanhavam interveiu, dizendo:

—Não esteve aqui hontem á noite o tenente White? Vi-o muito proximo d'esta casa.

A joven hesitou, procurando uma desculpa, mas não o conseguiu e não tendo coragem para mentir exclamou:

—Sim, esteve aqui, mas nada ha que possa induzir a pensar que seja elle o auctor do assassinio. Garanto a sua innocencia.

—Isso não tem valor algum perante os factos, — observou um dos officiaes que tambem fizera parte do

conselho de guerra.—A senhora é a causa do que se passou. Como verá, sr. chefe da policia, o tenente White tem muitos ciumes d'esta joven. Se o procedimento dá ou não azo a tal facto, isso não pretendo averiguar-o, mas é muito significativo o assassinio da maior parte dos officiaes que constituíam o conselho de guerra que proferiu a sentença.

—Falarei com sua excellencia e irei prender o tenente White,—volveu o chefe de policia.

Ao ouvir estas palavras, miss Waller desmaiou. A' hora em que se passavam as scenas que deixamos descriptas, chegavam a Lahore tres cavalleiros: dois homens e uma senhora. Esta e um dos homens eram europeus; o outro, japonex.

Haviam caminhado semanas e semanas e tinham mais o aspecto de bandidos do que de pessoas honradas. O europeu trazia uma comprida barba.

Ninguém conhecia os extranhos expedicionarios, que se dirigiram para a residencia da primeira autoridade policial.

Não lhe podendo falar, os viajantes dirigiram-se para um hotel. Pouco depois, o homem da comprida barba saia, dirigindo-se ao quartel, n'uma das salas do qual haviam sido expostos os cadaveres dos tres officiaes assassinados.

Ao apparecer na sala, ornamentada com enorme profusão de flores, de um dos recantos saiu um homem gordo e de enorme cabeça, perguntando-lhe:

—Que deseja?

—Desejo examinar os cadaveres.

O que parecia estar de guarda, apontou para os officiaes que estavam proximo e continuou:

—Tem licença? Quem é o senhor? Parece-me bastante suspeito.

O homem da barba lançou um olhar de desprezo ao perguntador e encolhendo os hombros aproximou-se dos officiaes, dizendo lhes:

—Sou medico. Dão-me licença que examine os cadaveres?

—Não temos auctorisação para o permittir,—respondem um d'elles,—mas se pôde fazer o seu exame sem o mudar de posição pôde fazel-o. Sr. Tip-Tap, vigie este cavalheiro. Este fez uma saudação cortez e examinando o supposto medico:

—Sou agente de policia. O chefe mandou-me chamar, pois estava em Calcuta. Nunca ouviu falar do celebre Tip-Tap? Em todo o mundo ha um homem, um unico que possa rivalisar commigo, Sherlock Holmes, aprezar de, se fizermos bem a comparação entre os dois, ressaltar claramente a sua inferioridade com relação a mim.

—Não lhe perguntei quem o senhor era,—repliquou com seguidão o seu interlocutor.

Começou em seguida a examinar os mortos.

—Cuidado em não tocar nos corpos d'esses desgraçados,—exclamou de subito Tip-Tap.

O europeu respondeu a esta impertinencia com uma certa brusqueria, dizendo:

—Se não pôde deixar-me em socego, dar-lhe-hei

um pontapé para que fique quietinho n'um canto, o mais longe possivel.

—O que? O que é isso? Atreve-se a insultar Tip-Tap? Pretende dar ordens ao policia mais afamado do mundo?

Acercou-se dos officiaes, acrescentando:

—Não lhes disse que é um criminoso? Apostaria em como é o proprio...

O vaidoso policia interrompeu-se para rebuscar no bolso interior, do qual tirou um papel que se pôz a ler, erguendo repetidas vezes a vista para examinar o homem da barba. Em seguida accenou com a cabeça, com ar satisfeito. Tornou a guardar o papel no bolso e murmurou commigo mesmo:

—Tenho de proceder com precaução. Este tipo deve trazer revolvers electricos e outros instrumentos infernaes. Só tenho que o vigiar com a maior attenção e em breve serei mais celebre que Sherlock Holmes.

Depois acercou-se de novo do official com quem anteriormente tinha fallado, dizendo-lhe ao ouvido:

—Tenho que fellar com o chefe superior da policia.

—E' impossivel. Está em Delhi.

—Que está elle a fazer em Delhi?

—Em perseguição do tenente White, o presumido assassino do capitão Wilson. A sua culpabilidade não offerece duvidas, pois foi-lhe encontrada em casa a espada ensanguentada.

—O capitão Wilson? Não é o official que foi assassinado em casa de uma senhora?

—Exactamente. Essa senhora é a noiva do assassino.

—Deve haver n'isso um pequeno equivoco,—disse tomando parte na conversação o homem da barba.

«Primeiro que tudo, o capitão não foi assassinado em casa d'essa senhora, mas sim n'um campo. Aqui ainda se vêem alguns boccadinhos de ervas nas calças, o que com certeza passou despercebido ao sr. chefe superior da policia. Além d'isso, nos hombros vêem-se manchas de terra e as dedadas de uma mão tinta de sangue, que deve ter transportado o cadaver isto ve-se claramente. De resto, meus senhores, o capitão não foi assassinado com uma espada, mas com um punhal indio. O cadaver foi transportado para o sitio onde foi encontrado.

Os officiaes olharam estupefactos para o homem que com tanta certeza, expunha tão atrevida opinião.

—Irra!—exclamou um d'elles.—N'esse caso, o assumpto muda radicalmente de aspecto. Quem é o senhor, que se atreve a sustentar taes conclusões?

—Já o disse: sou medico. Aguardarei a chegada do chefe da policia para me occupar d'este crime.

E depois de proferir estas palavras, sem esperar resposta, saiu do quartel.

Poucos passos tinha dado, quando o gordo Tip-Tap se levantou, seguindo-o até á porta. Ali tirou do novo do bolso o papel que já lera, mostrando o aos officiaes.

—Sabem o que é isto? Uma ordem de prisão para

Tom Flax, o maior criminoso d'este mundo. E sabem quem é o homem que d'aqui acaba de sair? Pois é nem mais nem menos que Tom Flax em pessoa, mas eu não o deixo escapar.

—Já ouvi falar n'esse Tom Flax,—disse um dos officiaes,—mas crejo que tem o rosto cheio de cicatrizes e olhos pretos, ao passo que o que homem d'aqui saiu e diz ser medico os tem garços.

Apoz alguns momentos de reflexão, Tip-Tap replicou:

—Tom razão, mas isso da cor dos olhos é uma insignificancia. Tom Flax é muito astuto e por isso não lhe será difficil mudar a cor negra dos olhos em cor garça... Adeus, meus senhores, não tenho tempo a perder.

O tão afamado agente da policia deitou a correr com toda a força, para poder descobrir aquelle que elle suppunha ser Tom Flax.

CAPITULO IV

O Dschogi criminoso (1)

A porta de uma choupana solitaria, fóra de Dehli, estava esperando um mancebo que a essa porta havia batido. Achava-se completamente extenuado pela fadiga e com o vestuario em farrapos.

Um indio de elevada estatura e o corpo coberto de amplos vestidos, que podiam comparar-se com tunicas, vein abrir.

—*Sir, Ram, nam sat hay*—exclamou ao encarar o fugitivo.—O nome de Yri Ram é verdadeiro. De onde vens e para onde vaes?

O mancebo deixára-se cair, exausto de fadiga.

—Perseguem-me,—disse quasi sem alento.—Wah-guru Neiguru! Salva-me. Estou innocente do crime que me imputam e querem-me matar.

O Dschogi ficou alguns momentos de braços cruzados, contemplando o mancebo.

—Até aqui não chegarão os teus perseguidores,—disse elle finalmente,—mas tambem pouco mais poderás avançar porque muito proximo d'aqui ha um Damsal, ou local onde se reúnem os Ykis, os quaes te fariam em pedacos logo que te vissem.

—Tenho compaixão de ti. Ocultar-te-hei e cuidarei de tudo. Mas, antes de proseguir a nossa conversação, quero terminar a minha interrompida oração. O sol está no sul: tenho que pronunciar o sagrado versiculo de *Veda*(2).

Depois do Dschogi terminas suas orações, o fugitivo exclamou:

—Não posso voltar nem a Dehli nem a Lahore,

pois me conhecem e me matariam. Tudo é contra mim... Não haverá meio de afastar de mim os espiritos do mal?

—Desconhecido, conta-me a tua historia.

O tenente White, pois era elle o fugitivo, contou o que se havia passado. Depois de o ouvir, o Dschogi levantou-se, dizendo:

—Volta para Lahore, onde estarás em mais segurança do que aqui. Transformar-te-hei o rosto de modo que ninguém poderá reconhecer-te.

Offereceu-lhe em seguida de comer e beber, com o que o tenente foi socegando pouco a pouco e recobrando as perdas forças e a energia.

—Deita-te um pouco,—disse-lhe o indio,—e quando fór meia noite trataremos do resto.

O tenente White, que havia corrido durante vinte e quatro horas approximadamente, deitou-se, confiado na hospitalidade d'aquelle santo varão, tanto mais que os indios consideram sagrada a hospitalidade. Pouco demorou que não adormecesse profundamente.

—O Dschogi curvou-se sobre o adormecido com a maior precaução: sorria diabolicamente. Fez alguns signaes no ar. Em seguida fez diversas vezes o mesmo movimento, sempre na mesma direcção, sobre o rosto do tenente.

Finalmente, perguntou, alteando a voz:

—White, dormes, mas ouves-me, não é verdade?

Seguiu-se um silencio de morte. Coisa alguma quebrava o profundo socego.

—Sim, ouço-te,—respondeu o adormecido em voz baixa, sob o effeito da intensa hypnotisação a que o indio o submettera.

—Quando acordares,—continou o penitente,—terás perdido por completo a recordação de tudo. Serás um ski, um guerreiro indio, um homem que deve executar cegamente as ordens que lhe dão. Compreendes-me, escravo?

A' medida que o hypnotisador falava, accentuava o tom imperioso das palavras.

Soltando um fundo suspiro e sempre em voz baixa, o adormecido respondeu:

—Sim, senhor, comprehendi.

—Irás a Lahore com o disfarce que eu te proporcionaréi. No hotel inglez, no rez-do-chão, estão alojados dois homens e uma mulher. Um d'esses homens é asiatico, o outro e a mulher europeus. Ouve-me bem, White. Penetrarás de noite no hotel, serás ligeiro como um gato, agil e valente como um tigre. Assassinarás os tres e em seguida fugirás para os montes Dschamu, onde te esperaréi.

O penitente de novo fez uns passes sobre o rosto da victima. Em seguida pegou n'um liquido e esfregou todo o corpo do infeliz tenente.

Este soltou um ligeiro grito e d'um salto pôz-se em pé.

O liquido havia penetrado instantaneamente nos poros da pelle, produzindo o seu effeito. Se o desgraçado tivesse tido um espelho ao seu dispor, teria podido apreciar a transformação que se havia operado.

(1) Chiamam-se Dschogi os penitentes indios. Esses homens exercem poderosa influencia e são considerados como symbolos da divindade, pelos seus sortilheios.

(2) Os livros sagrados dos indios.

nas suas feições. A pelle era bronzçada, as maçãs do rosto e o nariz inchados e os olhos pareciam encovados.

Ficou um momento como que esforçando-se por se recordar d'alguuma coisa, dizendo em seguida:

—Obrigado pela tua hospitalidade. Tenho que partir para Lahore, a fim de cumprir uma missão de que me encarregaram.

—Que missão?—perguntou o penitente.

O tenente, que havia tirado o uniforme, estava meio nu. Parecia um verdadeiro escravo.

—Não posso revelá-la,—respondeu em voz enérgica. E, abrindo a porta, desapareceu rapidamente.

O indio seguiu-o com a vista, murmurando:

—O dia da vingança chegou. Procurarei andar depressa para terminar a obra que esse estúpido começou.

Anoitecia. O penitente, que conhecia perfeitamente o paiz, encaminhou-se precipitadamente para o valle e ao chegar a Patankot mettu-se no comboio que segue para Lahore.

A habitação de miss Waller estava isolada e parecia desabitada. As auctoridades tinham podido convencer-se de que ella não tivera participação alguma no assassinio de Wilson.

O homem da barba tivera uma longa conferencia com o chefe da policia, logo que este regressára a Lahore. Se o tenente White tivesse então apparecido, ninguem o teria incommodado, pois, devido ás provas concludentes apresentadas pelo supposto medico, toda a acção contra o tenente fôra suspensa.

Em preza a uma agitação febril, a joven deitárase, e não podia conciliar o somno.

Os creados dormiam no primeiro andar, ao passo que os aposentos occupados pela joven ficavam no rez-do-chão. Segundo o systema indio, as portas e as janellas estavam abertas de par em par.

Miss Waller era atormentada pelo remorso. Mil vezes havia martyrisado o seu noivo com a sua garriidade, excitando-lhe os ciúmes, causa primordial de todas as suas desgraças.

Onde estaria o tenente n'aquelle momento? A joven estava resuelta a procurar-o e a compartilhar com elle os pezares que o aguardavam.

Quando estava absorsta n'estas reflexões, ouviu passos de alguem que se approximava do seu quarto. Saltou immediatamente do leito, envergando o vestido. No mesmo instante appareceu á porta um penitente.

Quiz gritar, mas o penetrante olhar do homem fascinava-a e impedia-lhe qualquer movimento.

—Nada receie, formosa flor do sol,—disse o desconhecido em voz baixa.—Vim para te dar noticias de um fugitivo, que deixou aqui o seu coração.

—Que dizes? Estiveste com Harry? Com o tenente White?

—Está proximo de Delhi, onde se occulta dos que o perseguem. Vou ensinar-te o caminho.

—Pobre Harry!—murmurou ella, estremecendo.—Vaes conduzir-me até junto d'elle? Espera um momento; vou acompanhar-te.

Desappareceu no aposento contiguo. No mesmo instante, o indio appróximou-se com precaução d'uma taça que, cheia d'agua, estava sobre uma meza e tirando do bolso um pequeno frasco deitou na agua umas gottas do liquido n'elle contido.

A joven tornou a apparecer, ainda não vestida por completo. Na sua precipitação e arrebatada pela alegria de tornar a vêr o seu noivo, não reparou nos olhares brilhantes do indio.

—Está muito calor,—disse ella.—Trazes cavallos?

—Não.

—Mandarei buscar dois.

—Não faças tal. O ruido das ferraduras poderia despertar a attenção dos inglezes. Sairemos da cidade a pé. Bebe um copo d'agua antes de sair, a fim de que te não atormente a sede durante o caminho.

Miss Waller pôz um grande chapéu de palha sobre os cabellos anelados e pegando na taça encheu um copo, que levou aos labios.

—A agua sabe bem com este calor,—disse ella.

Mas de subito levou a mão ao coração. A respiração, assim como o pulso acceleravam gradualmente as palpações.

—Não sei o que tenho,—murmurou ella.—A commoção... não me sinto boa.

—Isso foi por te impressionares, mas depressa passará,—replicou o indio astuciosamente.

Com effeito, o mal ester passou rapidamente. As faces da joven purpurearam-se, abriu muito os olhos, mas o seu olhar não era já o olhar de ha pouco. Parecia-lhe que tinha perdido a razão.

—Não saimos?—perguntou ella.

—Immediatamente, formosa flor. O rajah de Nepal deseja vêr-te, vou levar-te ao seu castello.

A joven deu uma gargalhada.

—Vamos depressa, para que não tenha que esperar muito. Sinto não sei o quê de indefinivel... Não comprehendo o que em mim se passa.

Outra gargalhada souo no aposento, depois do que se deixou conduzir pelo indio pelas escuras viellas de Lahore. Tinha perdido a razão.

...

O mysterioso desconhecido que, com uma senhora e o japonês, se havia hospedado no hotel, tirára a emmanhada barba. Era Sherlock Holmes. O seu quarto era contiguo ao do japonês e um pouco distante ficava o de miss Copper.

No meio do silencio da noite, ao criminalista pareceu ouvir um ruido suspeito, que o sobresaltou.

Escutou attentamente, observando que o ruido se repetia. Outro europen com certeza nada teria ouvido.

Parecia-lhe que alguem se approximava, descalço.

De um salto, levantou-se. Sem se preoccupar com procurar o revolver, um instante depois estava no quarto do japonês.

—Sr. marquez de Ito!—exclamou elle.

Não obteve resposta. Um corpo delgado que esta-

va n'um canto do quarto deu um salto, caindo em cima do criminalista, a quem tentou dar uma tremenda punhalada.

Sherlock Holmes defendeu-se habilmente do golpe e cego de furor agarrou o assassino, o qual não era tão robusto como elle, mas que, apoz breve luta, ponde libertar-se-lhe das mãos e, saltando pela janella, desapareceu na escuridão.

Sherlock Holmes curvou-se sobre o official japonês; o assassino havia-lhe cortado brutalmente a cabeça.

O criminalista dirigiu-se para o seu aposento, pegou no revolver e saiu, correndo pelo corredor.

—Alto! O senhor commetteu um crime!—exclamou um homem gordo, atalhando-lhe o passo exactamente no momento em que elle passava por deante do quarto do japonês.

Era a voz brusca de Tip-Tap.

O luar penetrava no aposento e illuminava a scena. Sherlock Holmes quiz afastar e gordo idiota para um lado, a fim de continuar perseguindo o criminoso, porém Tip-Tap estava armado.

Tinha em cada mão dois revolvers automaticos apontados para o criminalista.

Vigie-te com a maior attenção durante dois dias,—disse Tip-Tap, enquanto Sherlock Holmes recuava um passo ante a ameaça dos revolvers.—Ouví a tua luta com o pobre japonês. Agora acabaram as tuas proezas. Prendo-te em nome da lei.

Sherlock Holmes comprehendeu que toda a resistencia seria inutil. O celeberrimo agente Tip-Tap era muito capaz de disparar vinte e quatro tiros contra o corpo de Sherlock Holmes e isso teria sido demasiado para elle.

Portanto, apesar de intimamente estar furioso, não teve outro remedio senão appellar para a astucia.

—Se me não engano,—disse Holmes,—o senhor é o grande agente de policia Tip-Tap?

—O proprio. Então já me conhece, sr. Flax?

—Ora vamos, sr. Tip-Tap. Se eu soubesse que o senhor estava em Lahore, ter-me-hia apresentado voluntariamente á policia. Agora, porém, em casos como este, tudo se deve fazer em conformidade com a lei. Queira mostrar-me o mandado de captura que deve trazer e sem o qual não me parece que esteja autorizado a prender-me.

Tip-Tap pôz os revolvers em cima de uma cadeira, para procurar nos bolsos, mas no mesmo instante recebeu um violento murro no estomago, caindo no chão como uma pella.

Começou a gritar e lamentar-se, commentando a covardia do supposto criminoso e pondo em alvorço todos os habitantes do hotel.

Miss Copper e a creadagem acudiram ao ouvir esses gritos. No quarto do japonês encontraram o cadaver e um homem armado com quatro revolvers e uma espada.

Dez minutos depois, Tip-Tap era encerrado na cadeia de Lahore, por sobre elle recairem as suspeitas de ter assassinado o official japonês. Não ponde justificar-

se antes de ser conduzido á presença do chefe da policia para prestar declarações.

Tip-Tap estava furioso ao vêr que Flax lhe havia fugido d'entre as mãos.

—Mas como é possível o que diz? Que aspecto tinha o tal Flax?—perguntou-lhe o chefe da policia.

—Primeiro tinha barba, mas agora não. Ha dois dias que o andava vigiando.

—Que quarto occupava elle no hotel?

—O numero 17.

—Com a breca! Sabe, sr. Tip-Tap, quem era que ali estava hospedado?

—Sim, senhor. Nem mais nem menos que Tom Flax.

—Não, senhor. Quem ali estava era Sherlock Holmes, o policia mais celebre do mundo.

—Sherlock Holmes?... O verdadeiro Sherlock Holmes?... Aquelle que é quasi tão astuto como eu?...

—Esse mesmo, sr. Tap, esse mesmo.

—N'esse caso o criminoso deve ter sido outro e o sr. Holmes foi em sua perseguição. Sr. chefe da policia, o sr. Sherlock Holmes está em perigo, devo apressar-me para o salvar.

Com passos precipitados saiu do edificio.

Nos arredores da cidade estavam alguns cavallos amarrados dentro d'uma pallicada, pertencentes aos officiaes inglezes.

O tenente White perdera por completo a recordação do passado. Obedecia como um automato ás ordens que lhe haviam sido transmitidas por meio de hypnotismo. Saltou a pallicada, desamarrou um cavallo e montando-o, mesmo em pello, dirigiu-se a galope para os montes Dshamu.

Ao chegar á pallicada, o criminalista hesitou durante um momento. Os soldados deviam estar bebendo n'alguna taberna proximo, sendo por isso impossivel obter d'elles quaesquer esclarecimentos. Examinando as cercanias, Sherlock Holmes conseguiu descobrir as pégadas do cavallo em que o fugitivo montára. Retrocedeu rapidamente e escolhendo o cavallo que lhe pareceu melhor, o que lhe não foi difficil em virtude da experiencia que tinha, lançou-se em perseguição do assassino.

Naquelle terreno accidentado e sem estradas começou uma correria louca, desesperada, até que finalmente, depois d'alguas horas, o cavallo do perseguido começou a fraquejar.

O animal galopava junto de um abismo. Sherlock Holmes seguia-o a uns cem metros de distancia.

Teria podido facilmente alcançal-o, fazendo uso do revolver, tanto mais que o fugitivo levava apenas como arma o punhal, mas não era essa a intenção do criminalista; queria agarrar o criminoso vivo, pois tinha empenho em saber quem lhe havia pago para commetter a vergonhosa acção. Para Holmes não restava duvida de que por detraz d'aquella série de crimes se occultava uma cabeça, provavelmente a de Tom Flax.

Mas onde se encontrava esse bandido? De que

disfarce se valia elle para assassinar impunemente?

Sherlock Holmes estava proximo; a cabeça do seu cavallo chegava já á garupa do assassino, que, exausto de fadiga, mal podia obedecer aos incitamentos do cavalleiro.

—Mãos erguidas, ou disparo!—exclamou Sherlock Holmes, conseguindo collocar-se a par do criminoso.

Este não podia pensar em fugir. A sua direita havia um abysmo e á esquerda o criminalista apontava-lhe o revolver.

O medo de rolar para o abysmo e a angustia de se vêr fagarrado fizeram desaparecer o effeito da idea que lhe havia sido suggerida por meio do hypnotismo e que até áquelle momento o havia obediado. O tenente White foi recuperando a razão, ainda que lentamente.

Recordações confusas começaram a acudir-lhe á mente até que lhe appareceu, como n'um sonho, o quadro horrivel do que succedera durante os ultimos dias.

Durante um momento contemplou o adversario.

Em seguida, dementado pelo terror, agarrou as crinas do cavallo para o fazer mudar de direcção e fugir, sem se lembrar do abysmo que se escancarava á sua direita e sem prestar attenção ao grito que o criminalista soltára.

O cavallo, receioso e tremulo, ficou um instante erguido sobre as patas trazeiras, com o corpo suspenso por cima do precipicio, como se tivesse consciencia do perigo imminente que corria e procurasse salvar-se no ultimo momento. Em seguida, caindo de costas, foi rolando de penhasco em penhasco, arrastando o intrepido cavalleiro.

Aterrado, Sherlock Holmes apeou-se e inclinando-se com precaução á beira do precipicio, viu, no fundo, o cadaver do desventurado assassino junto do corpo despedaçado do nobre animal.

De subito, o criminalista julgou descobrir o que quer que fosse de extraordinario n'aquelle abysmo. Concentrou toda a sua attenção e as feições immobilisaram-se-lhe...

Já não era o cadaver do mysterioso assassino o que despertava tão poderosamente a attenção d'aquelle homem extraordinariamente sagaz. Á distancia de uns tres metros do sitio onde havia ido parar o mutilado corpo, via agitar-se, nos ramos de um arbusto, um véu branco.

Poucos instantes depois, auxiliado pela luz da pallida aurora, distinguia claramente o primoroso bordado que ornamentava o véu: era uma coroa real com o escudo de Inglaterra.

Aquelle véu pertencia, pois, á princeza ingleza que havia sido raptada de modo tão mysterioso.

Sherlock Holmes soltou uma exclamação de alegria.

Um acaso feliz, que um criminoso pagava com a vida, indicava-lhe o caminho que tinham seguido os raptadores da bella princeza.

O criminalista procurou um sitio por onde pudes-

se descer com o cavallo, mas teve de convencer-se de que os indios deviam ter-se servido de escadas de corda.

Finalmente, encontrou um sitio praticavel. Desceu, pois, com o cavallo, que estava habituado a tão abruptos atolhos, e subiu pelo lado opposto. Depois de divagar durante algum tempo, ponde encontrar uma estreita passagem, que seguia por entre penedias e frondosas ramarias.

Apanhou do chão uma pedra e, satisfeito, guardou-a no bolso. N'ella havia tres gottas de sangue.

Montou de novo a cavallo, seguindo o rasto que acabava de descobrir.

*CAPITULO V

O poder do rei sanguinario.

Para além de Amritsar, o rasto de sangue obliquava um pouco para a esquerda.

Finalmente, depois de caminhar durante sete horas por um terreno pedregoso, atravessando muitas collinas e grutas, os ultimos degraus do alto Hymalaia, chegou a um logar onde se via o signal d'uma fogueira que ali havia sido acesa.

As pégedas que haviam ficado impressas na terra humida indicavam que haviam passado por ali, pelo menos, uns cem cavalleiros.

Caiu a noite quando Sherlock Holmes continuou o seu caminho, depois de haver dado algumas horas de descanso ao cavallo, pois era para elle importante que o animal não succumbisse de fadiga, pois, se assim succedesse, encontraria uma morte tão lenta como segura, visto que por aquelles atalhos não transitava viva alma durante dias e dias.

A fome começava a fazer-se sentir, pois a precipitação com que saíra do hotel fizera com que elle não passasse em levar provisões. Apesar d'isso, continuava a caminhar. Era já meia noite e a lua illuminava com os seus poeticos raios aquelles aridos montes.

As difficuldades augmentavam; o terreno era cada vez mais accidentado e pedregoso. Ora tinha que subir uma elevada collina, ora tinha que descer uma vertente quasi a pique. Ao longe erguiam-se os picos do Hymalaia cobertos de neve eterna.

Finalmente, cerca do meio dia, na manhã seguinte, descobriu as pégedas de muitos homens.

Haviam sido acesas diversas fogueiras e alguns restos de comida tinham ali ficado. Ao virar d'uma encosta, soltou uma exclamação de contentamento.

Na sua frente erguia-se um castello immenso, edificado n'um planalto da montanha.

Era uma d'aquellas antiquissimas fortalezas inexpugnaveis dos audaciosos indios, que os inglezes haviam conquistado um dia, mas que, desde que a insurreição se estendera desde Kaschmir até ás provin-

cias do norte, tornára a cair em poder dos Skis.

Sherlock Holmes viu que nos caminhos que conduziam ás portas do castello havia muitos homens vestidos dos mais estranhos modos e armados até aos dentes, que faziam guarda, indo e vindo socega-mente.

Nas amaios do castello appareciam dois canhões e no cume da torre mais alta tremulava ao vento a bandeira dos rebeldes.

Durante mais de meia hora, Sherlock Holmes esteve contemplando o castello. Á seu lado havia um precipício e na sua frente um atalho, ao que parecia pouco seguido, que ia dar á temível fortaleza.

Sherlock Holmes havia chegado ao termo da sua aventura.

Para ali haviam levado a princeza ingleza, ali ge- miam os prisioneiros, com os quaes tanta força po- diam os insurrectos exercer sobre os inglezes, seus inimigos.

D'ali partiam certamente as ordens que os revo- lucionarios recebiam contra os inglezes. D'ali saíra a ordem de assassinar o official japonês que fôra en- carregado pelo seu governo de ir descobrir o segredo que caíra em poder de um bandido. D'ali, finalmente, deviam proceder os crimes que com aterradora fre- quencia se succediam em Delhi, em Lahore e nas provincias, com o fim de inquietar e dar cheque nos inglezes.

Quem podia ser o homem que trazia assustada toda a India com uma tal organização?

Sherlock Holmes levou o cavallo para um sitio de onde lhe fôsse facil a retirada. Em seguida tomou o atalho que ia dar ao palacio do chefe dos insur- rectos.

Não notou um ligeiro ruído que se dava nos ramos das arvores, junto d'elle, nem viu que um ho- mem de olhos reluzentes o seguia, rastejando como uma serpente.

Ao chegar a um pequeno bosque, o criminalista parou. Tirou do bolso alguns objectos e sentou-se no chão. Depois de se barbear, esfregou o rosto com um liquido de côr escura, prendeu o cavallo a alguma distancia, esfregou tambem o corpo e depois, meio nú, approximou-se das sentinellas do castello.

O criminalista sabia bem que ia lançar-se na aventura mais arriscada da sua vida.

Falava o indio imperfeitamente. Conseguiria en- garar os Skis? Tomal-o-hiam pelo que elle queria apparentar? A sua intenção era fazer-se passar por um hindu, dizendo se portador de importantes noti- cias para o rajah.

Approximou-se dos guardas, perguntou pelo rajah. Os soldados de nada suspeitaram.

Atravessando estreitos atalhos, acompanharam o recém-chegado a uma sala a que davam accesso nu- merosas escadarias. Essa sala estava mobilada luxuosa- mente, tendo as paredes cobertas de ricos tapetes.

Holmes examinou tudo o que o rodeava. Nas pa- redes havia estreitas janellas, das quaes se podia gosar o magnifico espectaculo que offereciam aquelles

montes e valles. Reflectiu em que se encontrava a muitas milhas de distancia das tropas inglezas. Além d'isso, não levára arma alguma, pois isso tornal-o-hia suspeito. Não tinha mais armas que a força, a astu- cia e a prudencia: com ellas contava.

Correu-se um reposteiro e o penitente que havia transformado em assassino inconsciente o tenente White appareceu deante do falso hindu.

—Pretendes falar com o rajah?—perguntou-lhe elle em indio.

Cruzando os braços no peito, Sherlock Holmes respondeu:

—*Guru-yi-ki-fathe.*

—*Wan Guru*,—replicou o penitente.—Trazes no- ticias de nossos irmãos?

—Sim, mas só as posso confiar ao rajah.

Um sorriso melicioso afflorou aos labios do fakir.

—O rajah saiu a cavallo. Foi á caça de uma companhia de inglezes que nos estava incommo- dando. Sou seu representante, de modo que me podes comunicar as noticias, mas sei que estás a mentir.

Sherlock Holmes teve um ligeiro sobresalto, mas coisa alguma deixou perceber exteriormente. Fallava com a humildade e o comedimento que correspon- diam a um escravo dirigindo-se a um Dschogi.

—Sei que um Dschogidiz sempre a verdade e não pode enganar-se,—volveu Holmes curvando a cabeça. Mas confundes-me com outro. Sou Ralip, o mensa- geiro, podes cre-lo.

Á estas palavras seguiu-se um momento de silen- cio. O penitente cruzou os braços e contemplou o ho- mem meio nu que levava a sua ousadia a ponto de arriscar-se entre os seus mais temiveis inimigos.

—Julgas, imbecil, que com a tua astucia vaes conseguir os teus planos?

Nesse momento cruzaram-se pela primeira vez fi- xamente os olhares dos dois irreconciliaveis ini- migos.

O olhar do criminalista era brilhante e vivo, ao passo que a do penitente era inquieto, como se quizesse ler na alma de Holmes.

Tinham-se reconhecido.

—E's Tom Flax,—exclamou de subito o afamado policia.

E sem hesitar um momento estendeu os braços para agarrar o criminoso ha tanto tempo perseguido. Mas Tom Flax retrocedeu tão habil como rapidamente, evitando a arremetida do fingido escravo, dando ao mesmo tempo um ligeiro assobio.

Um momento depois haviam apparecido na sala uma duzia de guerreiros que cercaram o criminalista. Quando este deu pelo que se passava, tinha em ro- la de si, a menos de um decimetro de distancia, aguça- das lanças.

—Aconselho o, Sherlock Holmes, que não faça inuteis esforços,—disse Tom Flax em inglez, idiona que nenhum dos skis comprehendia.—Cada uma d'es- sas lanças está impregnada de um veneno mortal. Uma ferida, leve que fôsse, bastaria para lhe assegu-

rar pelos seculos dos seculos um logar no céu ou no inferno, como preferir.

Sherlock Holmes sabia muito bem que as tribus do norte da Índia costumam embeber as suas armas brancas em poções venenosas. Por isso, ficou imóvel como uma estatua.

O penitente soltou uma gargalhada insolente.

—Parece-me, amigo Holmes, que commetteu uma imprudência de que ha de arrepende-se. Julgava-o já no outro mundo...

—A sua imbecilidade chega a ponto de erer que eu morreria pela covardia de qualquer assassino? Sim, é um covarde! O homem que não tem a coragem sufficiente para executar os seus projectos criminosos e não hesita em comprar um infeliz indio, como fez, para lhe servir de instrumento, é mil vezes criminoso, mil vezes desprezível.

—Está enganado, sr. Holmes, pois não era um indio, mas sim um inglez que me servia. Era o tenente White, de quem a poderosa força da minha vontade fez um assassino.

Sherlock Holmes teve um movimento de desdem.

—Não tem autoridade para avaliar o meu modo de proceder,—continuu o sanguinario homicida.—Fiz ainda muito mais. Aqui, n'esta fortaleza, que me pertence, encontram-se a princeza ingleza, o vice-rei da Índia e dois dos melhores generaes do seu exercito. Saiba tambem que ha aqui um grande numero de minas subterraneas atestadas do mysterioso explosivo cujo segredo pude arrancar ao imbecil japonês, e se as tropas inglezas chegarem um dia até aqui, voarão juntamente com os prisioneiros. Tomei as minhas precauções, sr. Holmes: Julgou-me vencido, mas enganou-se redondamente. Nunca fui mais forte do que agora. Vendi dynamite aos indios, os quaes, em troca, me proclamaram chefe da revolução. Não sou o Tom Flax que trata de cingir a corôa da Índia, não sou o penitente que reinará aqui depois de vencer a resistencia dos inglezes: sou o rajah de Nepal.

«Fique sabendo, finalmente, que quando eu der os seus ossos aos meus cães, Holmes, me sentarei n'um throno digno de comparar-se com o mais poderoso do globo... Oh! Será essa a victoria suprema do crimel...

—E poderás chamar-te o Rei Sanguinario da Índia, Tom Flax,—replicou Sherlock Holmes.

E, fazendo uma pequena pausa, continuu:

—Mas fica sabendo, miseravel, que dia virá em que te afogará no mesmo sangue que derramaste. Estou em tem poder, sem armas, sem poder defender-me, mas o triumpho será meu. Cairás no abismo antes de colheres o fructo da tua sementeira, porque semeaste entre cadaveres. Nenhum dos teus cães tocará nos meus ossos, pois antes d'isso te verei suspenso d'uma força, se por ventura se encontrar carcasso que queira manchar as mãos com o teu contacto.

—Miseravel,—exclamou Tom,—atraves-te a insultar-me? Prendam-no,—ordenou elle aos Skis,—e levem-no para a masmorra mais funda. Amarrem-no á

parede com grossas cadeias, para que não possa mover-se e passem-lhe ao pescoço um anel da ferro. Este infame esperará que chegue a sua ultima hora, em pé, até que me convenha fazel-o desaparecer.

Os doze indios lançaram-se sobre o criminalista que, em menos de um minuto, ficou amarrado de mãos e pés com grossas cadeias.

Na parte mais funda do castello, n'uma humida masmorra, estava Sherlock Holmes carregado de ferro e com a cabeça presa á parede.

Entretanto, um homem que lhe havia seguido o rasto e que elle não vira se havia apoderado do seu cavallo.

Antes d'isso, havia parado no mesmo sitio d'onde o grande criminalista avistára pela primeira vez o sinistro castello dos Skis revoltados e no momento em que erguia os olhos para examinar com attenção os arredores da fortaleza avistou um homem que d'ella se approximava. Depois viu como a uns dez passos de distancia o ia seguindo cautelosamente um fakir indio: era aquelle que se arrastava como uma serpente atraz do criminalista.

O homem que se havia apoderado do cavallo de Sherlock Holmes era nem mais nem menos que Tip-Tap, o homem que se julgava o policia mais celebre da Índia e que disse consigo:

—Aquelle homem que não parece envergonhar-se de se apresentar meio nu em frente do castello não pôde ser outro senão Sherlock Holmes. Sabe-se que pratica as maiores loucuras. O fakir que o seguia era um espião... Cheguei demasiado tarde para o salvar.

Durante um momento pensou que o melhor seria appproximar-se do castello com os quatro revolvers em punho pedindo a liberdade do policia, mas finalmente convenceu-se de que talvez não pudesse resistir a uma bala de canhão.

—Volto a Lahore em procura de reforços, pois hei de libertar o meu collega.

Arrastou-se em seguida com precaução até ao sitio onde deixara o seu cavallo, junto ao que Sherlock Holmes montara e erguendo a vista para o castello:

—São estas as consequências de ser policia e de não entender nada ou entender pouco do officio. Que seria de ti Sherlock Holmes, se não fôsse Tip-Tap? Convinces-te agora de que me não chegas ás solas dos sapatos?

Depois d'este soliloquio, montou no cavallo de Sherlock Holmes, e voltou para Lahore.

Ao chegar á capital, o gordo agente soube que já tinham sido feitas pesquisas para saber o paradeiro do grande criminalista, que havia desaparecido sem deixar vestigios. Principalmente miss Copper tinha desenvolvido uma actividade prodigiosa.

A joven conseguira finalmente descobrir o rasto de Sherlock Holmes e começara a segui-o, quando a meio caminho encontrou Tip-Tap.

Como miss Copper na sua vida nunca havia visto nem ouvido fallar de Tip-Tap, o celeberrimo policia, como elle se intitulava, nada tinha de surpreendente que se lhe dirigisse nos seguintes termos:

—Quer dizer-me, bom homem, quem é a d'onde vem?

O grande policia replicou, agastado:

—Como! Quem sou? Nunca ouvi falar de Tip-Tap?

Miss Copper respondeu ingenuamente:

—Nunca ouvi pronunciar esse nome que me parece tão ridiculo.

—Parece-lhe então ridiculo o meu nome? Pois fique sabendo que sou o grande agente de policia de Calcuta, o libertador de Sherlock Holmes, um dos meus rivais.

Ao ouvir o nome do criminalista, miss Copper deixou immediatamente de rir.

—Que diz o senhor? Sabe alguma coisa a respeito do sr. Holmes? Libertou-o? Fale: onde está elle?

Tip-Tap respondeu:

—No castello de um rajah, acolá, lá em cima, nos cumes do Hymalaia, cercado de neve e de gelos. Segui-o, subi a mais de cinco mil metros, atravessei mares de gelo, transpando precipicios mais fundos que o proprio Oceano e...

—E basta, interrompen miss Copper. —Se apenas uma decima parte do que o senhor diz é verdade, creio que o sr. Holmes está prisioneiro.

O policia indio explicou á joven como havia tido que lutar corpo a corpo com mais de vinte insurrectos e como o policia inglez havia caido em poder dos Skis por causa da sua imprudencia.

Miss Copper ficou pensativa. Comprehendia que n'aquella desesperada situação só ella e Harry Taxon poderiam e queriam arriscar-se a salvar o grande criminalista. Taxon estava ainda no mar e as tropas inglezas nada poderiam tentar, visto que se se approximassem do castello do rajah, Sherlock Holmes teria a mais horrivel das mortes.

A joven regressou a Lahore, expediu um telegramma ao chefe da policia de Calcuta, pedindo-lhe que o enviasse a Harry Taxon logo que o Sniveller fundesse n'aquella cidade. Ao mesmo tempo, enviou outro telegramma ao proprio Harry, contando-lhe o que se passara.

Em seguida dirigiu-se a casa do governador militar de Lahore com quem teve uma demorada conferencia.

—Tratarei de libertar Sherlock Holmes e sôinha, —disse ella ao terminar. —Logo que aqui chegue Harry Taxon, peço-lhe o favor de lhe indicar o caminho dos rochedos do Hymalaia.

—Vae sacrificar a sua vida inutilmente, disse o governador finalmente. —Espera que as nossas tropas possam pôr-se em marcha. D'aqui a trez dias seguirão mais de doze mil homens para essas montanhas.

—Pensa em atacar os rebeldes?

—Naturalmente. Leia a carta que me mandou o rajah de Rampure, que assim se chama o novo chefe dos rebeldes.

E o governador entregou a miss Copper uma carta, que dizia o seguinte:

«Ao senhor governador militar da India:

«Eu, o Rajah de Rampure, participo-lhe que me nomeei rei da India. Convido o governo inglez a ceder-me voluntariamente a India do Norte, e em compensação comprometto-me a terminar a guerra.

No prazo de quatro semanas celebrar-se-ha o meu casamento com uma princeza ingleza, a mesma que roubei em Lahore, para obrigar a Inglaterra a reconhecer a minha soberania. Se a soberba Albion se recusa a acceder aos meus desejos, os prisioneiros inglezes que estão em meu poder soffrerão uma morte horrivel.

«O Rajah de Rampure»

—Seria caso para rir, se não fosse tão grave, —disse o governador, depois de miss Copper ter acabado de ler.

—Está escripta em inglez.

—Sim, esse rajah sabe muito a nossa lingua.

—A letra parece-me que a conheço... Já sei... Sabe quem é esse rajah de Rampure?

—Creio que deve ser algum aventureiro indio.

—Não é. Prepare-se, sr. governador, para sustentar uma luta desesperada com esse homem, que é Tom Flax, o criminoso mais atrevido que ha no mundo.

Miss Copper despediu-se do elevado funcionario dirigiu-se para o hotel a fim de fazer os seus preparativos e se pôr a caminho quanto antes.

N'esse mesmo momento, recebia o governador militar de Lahore aviso de que o rajah de Nepal, que ficára fiel á Inglaterra, havia sido encontrado morto n'um precipicio no Dhawaligiri.

No cadaver viam-se muitas punhaladas.

O governador abarcou a cabeça com as mãos.

—Parece que o mundo saiu dos eixos, —murmurou elle. —Ha poucos dias que o rajah se esteve banquetando connosco e depois seguiu para Nepal... Francamente, não comprehendo. Aqui ha mysterios tão insondaveis como sangrentos.

Miss Copper gastou meio dia nos seus preparativos. Depois de tudo arranjado, começou a iniciar Tip Tap no seu novo papel, apesar do policia indio insistir em querer libertar sôinho o grande inglez. Mas receiando a joven que elle fizesse abortar os seus planos, resolveu-se a leva-lo comsigo, para o vigiar.

Ao anoitecer, saía de Lahore um cavalleiro indio vestido de Pandschah, disfarce que não condizia muito bem com a corpulencia d'esse cavalleiro. O cavalleiro ia luxuosamente ajazeado. A seu lado, montada n'uma egua, ia uma formosissima rapariga india com o rosto occulto por espesso véu.

Seguia-se um jumento carregado de provisões. A pequena caravana avançava pelo caminho que Sherlock Holmes seguira tres dias antes.

Cerca do meio dia do dia seguinte, os guardas do castello do novo rei da India guiavam um merca-

dor de escravos, homem de grande corpulência, que não cessava de falar.

Um negro de avantajada estatura, guarda do harem, recebeu o mercador com a escrava.

—Quem és e o que pretendes?—perguntou elle.

Felizmente para Sherlock Holmes, para miss Copper e para Tip-Tap, este sabia perfeitamente a lingua indiana.

Era tal o zelo que mostrava no desempenho do seu papel que, ao ouvir aquella pergunta, chegou a esquecer-se do perigo que corria.

—Como! Quem sou eu? Não o sabes, meu grande diabo? Sou Tip-Tap, o celebre poli... o celebre mercador de escravas, tão conhecido por todos os rajahs do norte. A quem foi, senão a mim que comprou a sua favorita o rajah de Caschmira? Toda a Índia me conhece e pretendes não saber quem sou?

—Bem, mas não te conheço. Deixa vêr a escrava que talvez façamos negocio,—disse o preto, empurrando brutalmente miss Copper para o centro da sala.

Tirou-lhe o véu que lhe cobria o rosto e obrigou-a a pôr-se meio nua, examinando-lhe o corpo com olhos de pratico no assumpto. A joven ingleza estava envergonhada.

—Creio que o rajah gostará d'ella,—disse elle.—Quanto pedes pela escrava?

Tip-Tap, que o que desejava era prolongar o mais possivel a sua estada no castello, não se cansava de gabar as vantagens que offerecia a compra da escrava. Os guardas do harem levaram-na finalmente.

Depois de regatearem duraste muito tempo, haviam chegado a um accordo. N'esse momento chamaram o negro do interior do castello, o que fez com que Tip-Tap ficasse sósinho, sem que ninguém se importasse com elle. Então misturou-se com os bandidos a que chamavam soldados e que estavam de guarda ao castello, contando-lhes mil façanhas e aventuras, aguardando o momento opportuno de tentar o salvamento do grande criminalista.

Decorreram tres dias sem que se offerecesse occasião opportuna.

Miss Copper estava encerrada no harem com as restantes concubinas e começava já a inquietar-se.

Tip-Tap, que se havia familiarizado com aquelles criminosos, tinha de contentar-se vigiando os preparativos guerreiros. Constantemente chegavam novos bandos de maltrapilhos e ladrões, para se alistarem no exercito do rajah de Nepal. Aquelles infelizes nada sabiam da noticia que fora transmittida ao governador militar de Lahore sobre o assassinio do verdadeiro rajah de Nepal.

Tip-Tap andava passeando n'um dos corredores do castello, quando, no meio de uma escolta, viu chegar um prisioneiro no qual o policia de Calcuta reconheceu o grande Sherlock Holmes.

Foi seguindo o grupo, mas teve de parar ao chegar á porta dos aposentos do rajah, aos quaes o preso era conduzido.

Decorridos instantes, reapareceram os Skis. Sher-

lock Holmes amarrado com fortes cadeias, ficára a sós com o sanguinario rei da Índia.

Olhando para o vencido, o bandido exclamou:

—Resolvi terminar a comedia. Os inglezes estão já proximo d'aqui e esta manhã tem de ferir-se o combate decisivo. Deixarei entrar matade dos teus compatriotas no castello, para o fazer ir pelos ares em seguida; da outra metade daremos conta mais tarde. Antes, porém, temos que ajustar contas. Vaes morrer, Sherlock Holmes.

—Que especie de morte me destinou sua alteza real, por obra e graça de toda uma quadrilha de ladrões e assassinos?

—Vaes pagar as tuas zombarias. D'aqui a tres horas não restará de ti absolutamente nada. Os Skis vão gozar um espectáculo que lhes infundirá valor e confiança em mim. D'aqui a duas horas serás conduzido para o pateo que fica por detraz do castello. Ali lutarás com um tigre. Se a féra te vencer, já sabes qual é a tua sorte. O animal não ficará descontente com a tua carne, mas se por acaso a féra succumbir...

—Que succederá então?—perguntou Sherlock.

—Então solitaria um segundo tigre,—respondeu a féra humana, dando uma gargalhada.—Para que o espectáculo dure mais, dar-te-hemos uma espada indiana, para que possas defender-te e prolongar assim a tua vida por alguns momentos. Prepara-te para a luta. Estás convencido de que não ha salvação para ti? Sherlock Holmes soergueu os hombros com indifference, sem responder. Tom Flax saiu da sala.

Pouco depois, o criminalista era conduzido para o pateo onde se estavam fazendo os preparativos para o espectáculo.

CAPITULO VI

Sherlock Holmes matador de feras

Alguns centenaes de indios se comprimiavam em volta do pateo. Alguns elephantes de guerra haviam sido preparados para as mulheres do harem, a fim de que ellas tambem gozassem o emocionante espectáculo.

Cobriram o pateo com areia, em seguida tiraram as cadeias ao criminalista, entregaram-lhe uma espada e deixaram-no no meio do pateo, do qual todos os indios se retiraram, para se occultarem detraz das barricadas que tinham levantado.

Uns vinte escravos indios arrastaram uma jaula até ao centro do improvisado circo. Abriam em seguida a porta, deitando a correr com a maior ligeireza possivel.

Um tigre real, formoso exemplar, saiu lentamente da jaula. Olhou para o sol, fechando os olhos, estirou-se diversas vezes e avançou magestosamente para o centro do pateo.

A fêra deteve-se instantes para contemplar o homem que se preparava para lutar com ella, sem outra arma a não ser uma curta espada.

Sherlock Holmes permanecia immovel, sem afastar a vista dos olhos da fêra.

O olhar do criminalista era tão vivo, tão penetrante, que o tigre se sentia inquieto. Soltou rugidos horribes, agitando a cabeça e varrendo nervosamente a arena com a cauda.

Sherlock Holmes parecia uma estatua., continuava n'uma immobildade absoluta. Sabia muito bem que o mais pequeno movimento excitaria a fêra.

O animal arreganhou os dentes ferozmente, soltando novos rugidos.

Assim estiveram contemplando-se os adversarios, frente a frente, por espaço de alguns minutos, o que não podia satisfazer os espectadores, avidos de sangue.

Algumas setas foram arremçadas contra o animal.

Horribes rugidos atroaram o espaço. O movimento dos indios aos disparar as setas havia distraído um momento a fixidez do olhar do criminalista.

O tigre agachou-se, preparando-se para dar um salto e cair sobre a sua victima, mas esta não perdia nenhum dos seus movimentos.

Exactamente no momento em que o tigre pulava, Sherlock Holmes afastou-se rapidamente para um lado. O pezado corpo do felino caiu na arena ao mesmo tempo que o criminalista lhe enterrava a espada na garganta.

A ferida seria mortal se Sherlock Holmes tivesse podido escolher o sitio para ferir. Tirou rapidamente a arma ensanguentada e deitou a correr, perseguido pela fêra, que deixava um rasto de sangue.

De subito, saltou para o pateo um homem levando dois revolvers em cada mão. Um grito de admiração e assombro souo entre os espectadores. Tanto Sherlock Holmes como o tigre viram o homem.

—Que diz agora o senhor?—perguntou este, cuja barriga era enorme.—Vim salvá-lo. O meu nome é Tip...

A fêra havia-se approximado lentamente, como se quizesse conhecer o novo adversario.

—Olá,—exclamou o policia Tip-Tap,—parece que o tigre se quer agora entender commigo.

E deitou a correr, seguido pela fêra.

Finalmente, vendo-se perdido e depois de dar voltas sobre voltas de um lado para outro, Tip-Tap teve a coragem de se voltar e disparar sobre o animal, o que o tornou furioso. Já a fêra se preparava para saltar sobre o obeso policia, quando Sherlock Holmes se approximou, correndo para lhe chamar a attenção, enterrando-lhe de novo a espada no corpo e começando a correr em outra direcção, para a cançar.

A correria durou pouco. O animal deu novo pulo e d'esta vez pouco faltou para que alcançasse o criminalista, cujo vestuario foi rasgado, recebendo tambem um rasgão na barriga da perna.

Os selvagens indios applaudiram estrepitosamente.

Mas a fêra estava já exhausta, tanto pela perda de sangue como pelo cansaço, de modo que os seus movimentos eram já mais vagarosos, o que deu ensejo a Sherlock Holmes de a ferir de novo.

O tigre, deitando espuma pela bocca, rugiu com tanta força que até os elephantes se assustaram, e preparou-se para novo ataque.

Sherlock Holmes corria de um lado para o outro. N'esse momento uma pedra atravessou o espaço. O covarde Tom Flax arremegara-a com toda a força.

Receia-a certamente que a lucta fôsse favoravel ao seu inimigo. A pedra alcançou o grande criminalista no joelho, impedindo-o por um momento de que pudesse lutar.

No entanto a fêra, mais arrastando se do que andando, chegára junto do adversario e quando erguia já as patas para agarrar Helmes, este poud dar-lhe um violento golpe n'ellas.

A lucta ficou então decidida. Mais uns segundos e Sherlock Holmes devia deixar irremediavelmente a vida nas garras da fêra.

Quiz levantar-se, mas um empurrão do tigre fello cair...

De subito souo a detonação de uma arma de fogo. O animal, que se preparava para acabar com o criminalista, caiu morto.

Sherlock Holmes conseguiu levantar-se. O sangue jorrava-lhe d'algumas feridas, mas nem por isso perdiera as forças. Ao voltar a vista para os espectadores, viu que entre os ramos de uma palmeira assomavam os canos de algumas espingardas.

Um silencio de morte se seguiu a esta scena, que ninguem sabia explicar. Tom Flax, pallido como um cadaver, estava sentado em cima de um elephante.

Não vira que um dos elephantes se tinha ido approximando do d'elle, lentamente, até ficar a seu lado. N'esse pachyderme ia montada uma joven de rara formosura, que, com o rosto sorridente, presenciava o espectáculo.

Os olhos d'aquella mulher brilhavam com a scintillação da loucura: era miss Waller, a favorita do rajah.

Este voltou-se para dar ordens aos seus sequazes.

—Ordena a um dos melhores atiradores—disse elle a um dos chefes—que mate aquelle infame. Quero vê-lo morto a meus pés antes de...

Não poud terminar a phrase. Levou a mão ao coração... Uma das concubinas, uma das que iam no elephante de miss Waller, apêara-se e subindo com a maior agilidade por aquelle em que ia montado Tom Flax, dera-lhe uma punhalada no peito.

Foi tão violento o golpe que o rajah, depois de oscillar um momento, caiu do elephante. No primeiro momento fizera-se um silencio inquietador, depois seguiu-se um louco terror.

Os Skis saltaram por cima das barricadas, destruindo-as, e um medo extraordinario, indescriptivel, se apoderou subitamente d'aquelles homens. Os guerreiros não sabiam que fazer, o ruído era infernal.

N'esse memento, ouviram-se, dominando o ruído,

os toques dos clarins. As tropas inglezas approximam-se e em breve se ouviram descargas cerradas de infantaria.

Os elephantes, tomados de terror, deitaram a correr em todas as direcções, atropellando e esmagando grande numero de soldados, que não percebiam o que se passava, tão rapidamente tudo occorrera.

Sherlock Holmes vira cair o bandido depois de receber a punhalada, mas levantára-se immediatamente e, comprehendendo que era impotente para dominar o tumulto, desapareceu, fugindo por entre os seus guerreiros.

O criminalista tentou segui-lo, mas teve de desistir.

No mesmo instante dois homens estavam a seu lado. Eram Harry Taxon e o capitão do *Sniveller*.

—O rajah fugiu, exclamou Sherlock Holmes.— Sigam-me, escalaremos esta parede, mas receio que seja já tarde.

—Deixe-o fugir, sr. Holmes,—objectou o capitão.—O senhor está ferido.

—E' Tom Flax,—repetiu Sherlock.

Approximou-se em seguida d'uma rapariga india, a que havia tentado ferir o assassino, se bem que não conseguira atravessar a malha de aço que Tom Flax trazia constantemente debaixo do fato.

—Miss Copper!—exclamou elle comovido.—Para a frente! O perigo passou! Vamos atravessar as filas d'estes loucos.

—E os prisioneiros, sr. Holmes? Esquece-se dos nossos prisioneiros?—exclamou miss Copper, correndo para um dos lados do castello.

Os restantes seguiram-na.

Não demorou que dessem com a escada que conduzia ás masmorras. Sherlock Holmes avançou na frente, ainda que de vez em quando tinha que descançar, encostando-se á parede, pois cada vez perdia mais sangue.

Poucos minutos depois estavam em frente das masmorras do vice-rei e da princeza, assim como da dos generaes que haviam caído em poder do criminoso.

Sherlock Holmes pediu aos prisioneiros, ao vêr que não podiam abrir as massiças portas, que se afastassem para o lado. Em seguida, com a espingarda de Harry deu varios tiros no officio da fechadura, que em breve estava despedaçada.

A princeza estava tão cansada que Harry teve que levá-la ao collo. Sherlock Holmes, miss Copper e o marinheiro levaram os prisioneiros.

A confusão era geral em toda a parte, mas precisamente por essa circumstancia puderam os europeus apprehender a fuga sem serem incommodados.

Os Skis, que estavam no seu acampamento nos arredores do castello, foram surpreendidos pelas tropas inglezas, que faziam fogo nutrido de todos os lados, e derrotados completamente. Os rebeldes foram retirando lentamente e em ordem para o castello, onde se refugiaram e se prepararam para combater até ao ultimo momento.

Os canhões vomitavam metralha e parecia um

combate violentissimo entre dois exercitos aguerridos e fortissimos,

Os fugitivos haviam-se refugiado na parte posterior da fortaleza, até encontrarem saída d'aquelle cahos horrivel.

O elephante que o rajah montára estava tranquilamente em frente da enorme porta que dava acesso ao pátio do palacio.

Sem dizer palavra, Sherlock Holmes agarrou uma orelha do animal, subindo-lhe rapidamente para o dorso, fazendo o mesmo Harry e os restantes.

O grande criminalista incitou o animal, que se dirigiu para a saída.

O pachyderme passou por cima das barricadas, destruindo-as.

Os singulares viajantes ouviram subitamente uma voz a poucos passos de distancia, que clamava:

—Olá, sr. Holmes!... Leve-me tambem!... Salvei-o!...

Era Tip-Tap.

Sherlock Holmes tentou fazer parar o animal, mas em balde, pois o elephante continuou trotando pelo caminho que seguia para s. valle.

Tip-Tap, ao vêr que nenhum inimigo o perseguia, deu meia volta á direita, seguiu com precaucao em volta do castello e tomou pela vertente da collina.

Nem Holmes nem os seus companheiros podiam suspectar que deviam a vida á impetuosidade do animal e á ligeireza das suas pernas. Até chegarem ao valle, o criminalista não conseguiu dominal-o.

Harry tivera a feliz lembrança de se servir da sua navalha como meio de o dirigir, de modo que o animal, habituado a obedecer aos golpes, encaminhou-se sem resistencia para o acampamento dos inglezes.

Não podia já pensar-se em perseguir-se Tom Flax.

A sua força, o seu poderio na Índia tinham sido aniquilados, mas elle, o assassino, havia conseguido mais uma vez fugir.

As tropas inglezas começavam a atacar seriamente a fortaleza, quando de subito os invasores ficaram como que petrificados. Como saídos do nada por arte de magia, appareceu de subito o castello cheio de feroces indios, em numero superior a alguns milhares...

Poucos instantes depois, do acampamento inglez viu-se a figura de uma mulher joven que passou como uma visão pelo cume da torre mais alta da fortaleza. O vento agitava-lhe a cabelleira e na mão direita a mysteriosa mulher levava um brandão acceso. Um segundo depois havia desaparecido.

Alguns officiaes tinham podido reconhecer a cora o auxilio de binoculos e oculos de campanha.

Era a louca miss Waller.

De repente a terra estremeceu, como se na montanha se abrisse um abismo em que ella se precipitasse... Uma formidavel explosão fez tremer o ar e a terra ao mesmo tempo que algumas centenas de inglezes, que estavam proximo do castello, voavam feitos pedaços em todas as direcções.

Em seguida começaram a sair chamas do edifi-

cio, que foram augmentando rapidamente até avermelharem o céu com os seus vivos reflexos.

Rochedos, madeiras, pedras, homens e animaes, em horrorosa mistura, foram dispersos e divididos em mil pedaços.

Finalmente, o castello do sanguinario rei da Índia havia ido pelos ares, sepultando os insurrectos sob as suas ruínas.

Ao cair da noite d'aquelle dia tão fértil em occorrenças e enquanto as tropas inglezas se preparavam para regressar, victoriosas, a Lahore, Sherlock Holmes descangava n'uma das tendas de campanha, com algumas ligaduras em diferentes partes do corpo.

—Amanhã continuaremos a perseguição,—disse elle dirigindo-se a Harry Taxon e a miss Copper.—Espero que d'aqui a vinte e quatro horas estarei já bom para poder montar o elephant.

«Foi esta a apothese dos crimes de Tom Flax.

«Esse miseravel assassinou o verdadeiro rajah de Nepal, durante a sua viagem a Lahore, e apresentou-se a esses imbecis em seu logar. Era penitente e rajah simultaneamente, segundo o exigiam as circumstancias ou convinha aos seus interesses.

«Era evidente que a infidelidade do rajah de Nepal exerceria decisiva influencia nas tribus da montanha. Só assim se explica que Tom Flax se tivesse podido proclamar rei da Índia, apesar do seu reinado ter durado apenas alguns dias.

Apenas Sherlock Holmes acabára de proferir estas palavras, entrou um homem offegante, a transpirar e coberto de pó, trazendo um prisioneiro.

—Que diz agora, sr. Holmes?—perguntou o recém-chegado, que se distinguia pelo seu volumoso abdômen e baixa estatura.—Estou tão transformado que não poderá reconhecer-me?... Sou Tip-Tap, o grande policia de Calcuta... Prendi Tom Flax.

Ao dizer isto, apontava para o seu prisioneiro, um homem meio nú que tinha, com effeito, muita semelhança com o bandido.

Depois de o haver examinado rapidamente, Sherlock Holmes respondeu:

—Digo, sr. Tip-Tap, que pôde deixar esse homem em liberdade, pois não é Tom Flax.

—Tem a certeza d'isso, sr. Holmes? Não conheço muito bem Tom Flax, para quem tenho no bolso uma ordem de prisão, mas este confessou ser elle.

Os circumstantes olharam para o policia indio e para o prisioneiro.

N'esse momento appareceu um official inglez que, depois de lançar um olhar furioso ao caçador e ao caçado, exclamou colerico:

—Homem, quem o auctorisa a metter-se com os meus creados?

—Oh! Sou Tip-Tap e nenhum homem se atreveu ainda a levantar a voz para mim com colera!... Ao grande policia de Calcuta não se replica. Saiba que perguntei diferentes vezes a este homem se se chamava Tom Flax e sempre me respondeu affirmativamente com a cabeça.

—E' possivel,—replicou o official,—visto que elle é surdo mudo.

—Não importa,—disse Tip-Tap com orgulho.—Apezar de tudo, Tom Flax cairá nas minhas mãos. Agora, sr. Holmes, desejo que me responda a uma pergunta. Que seria do senhor se eu o não tivesse livrado das garras do tigre? Além d'isso, tenho de felicitar miss Copper pelo valor de que deu provas. Esta senhora seria muito digna de ser esposa do celebre Tip-Tap. Que lhe parece, miss Ethel Copper?

—Não me parece absolutamente nada, sr. Tip-Tap,—respondeu a joven rindo.

—Muito bem!—murmurou o capitão do *Sniveller*.—E' essa, no meu entender, a resposta mais cortez que podia dar-se a esse imbecil.

FIM

Ler no proximo numero:

O testamento do presidiario

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

60 rs.

cada numero contendo sempre
uma obra completa

rs. 60

Redacção e administração de

A NOVELLA POPULAR

C. do Ferregial 23 1.
Lisboa

Aventuras de Lord JACKSON

Genial e audacioso policia amador
O unico rival de SHERLOCK HOLMES

Nada tão emocionante e de interesse tão empolgante como este verdadeiro romance de um homem admiravel, poderoso e forte que, apesar de immensamente rico, dedicou o seu talento sem igual, a sua invencivel bravura, e a sua colossal fortuna, á causa da justiça, protegendo o fraco, vingando as victimas, e conduzindo ao patibulo os mais horribeis e tenebrosos assassinos do mundo inteiro!

Volumes publicados a 60 réis cada

- 1 Crimes no palacio Jackson. 2 O osso d'uma perna 3 Invasão d'un mlvado 4 Crimes imunes 5 Calvario do rei dos assassinos
6 Um attentado terrorista 7 A creanca martyr 8 Regate sangrento 9 A falsa suicida 10 Um drama nas nuvens 11 Junto da Guilhotina 12 Jackson, em poder dos bandidos 13 O crio policia 14 O esqueleto vivo 15 Bandidos de casaca 16 A rainha dos apaches 17 Duas façanhas notaveis 18 Jackson envenenado 19 R. surrção de Jackson 20 Sapatos de defuncto

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances

de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brechado, com expandida capa artistica 100 Rs.

Volumes publicados

- | | |
|---------------------------------|-------------------------------|
| 1. Enterrada viva* (Exg.) | 13. O principe jogador |
| 2. O Mascara negra (Exg.) | 14. As catacumbas de Paris |
| 3. Segredo do abismo* (Exg.) | 15. Amor e dinheiro |
| 4. Castigo d'um falso (Exg.) | 16. Vingança de Musolino* |
| 5. O amante da rainha* | 17. O retrato da princeza |
| 6. O roubo d's reaes ordens | 18. Os diamantes do duque |
| 7. Um thesouro n'um atadão | Norfolk |
| 8. Um rival de Sherlock Holmes* | 19. O mascara a vermelha* |
| 9. Uma aventura nocturna | 20. Um thesouro submarino |
| 10. Um parisiense na Persia* | 21. Um assalto n'um comboio |
| 11. Estratagemma d'um banqueiro | 22. Milagre d'actor* |
| 12. O padre sangrento* | 23. O apostolo de prata |
| | 24. O falso policia |
| | 25. Entre os apaches de Paris |

* As obras marcadas com este signal não fazem parte das Proezas de Raffles.

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O gatuno amador

alternará no Livro Popular com novellas d'outros auctores, seleccionados pelo o maior escrupulo.

Dirigir pedidos a

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial 23—LISBOA

Collecção Amorosa

NOVELLAS E CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs. Cada volume com bella capa artistica 100 rs.

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma edição esmerada e ao alcance das bolsas menos abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novella e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d'arte.

Volumes publicados

- 1—O segredo de Suzana por M. Prévost.
- 2—Uma lição por E. Zola.
- 3—Missão delicada por M. Prévost.
- 4—Historietas brejeiras por A. Silvestre.
- 5—Seis mulheres para um homem por C. Aubert.
- 6—Conquista do amor (Nantas) por E. Zola.
- 7—O amigo Ulysses por C. Aubert.
- 8—Contos do convento por C. Mendès.
- 9—Os ultimos bandidos por C. Aubert.
- 10—Cartas de mulher (1.ª serie) por M. Prévost.
- 11—Pela vida fora por E. Zola.
- 12—Contos frescos por A. Silvestre
- 13—Cartas de mulher (2.ª serie) por M. Prévost.
- 14—A pulga por C. Aubert.
- 15—A lga por C. Aubert.
- 16—Cartas de mulher, (3.ª serie) por M. Prévost.

Prazeres secretos do amor

peto dr. Jaf.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa artistica 600 rs.

Novidade Literaria

a apparecer brevemente:

Os espinhos do adulterio
por Victorien du Saussay
1 volume 600

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

CC No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indic'o o fim a que elle visa CC A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysteioso que resente da falta de conhecimentos de medicina CC

Um volume 8.º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

LEITURAS SUGESTIVAS

Aventuras extraordinárias d'uma cocotte... 100
Fiasco d'amor... 100
Casamento à porta d'um talho... 100
Vol. impressos em b'm papel e com magníficas gravuras

UMA OBRA VERDADEIRA E SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. **rs. 600**

Novidades Litterarias

Ditose Lar M. Prevost... 500
Aphrodite P'erre Louis... 500
Prima Laura M Prevost 500

— Elegantes vol., profusamente
— Ilustrados e impressos em papel
— de luxo

Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais
sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Misterioso, Guy de Tèramond. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Ben-y A. Hering. 8. A Agulha ócea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivor. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do sonho, Paul d'Ivor. 12. Quat'ros tres grande romance policial, A. Q. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Femberion. 15. As tres galinas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivor.

350 rs. Cada vol, in-4°, contendo a materia de um
grosso vol, in-8°, de **300** **rs. 350**

✦ Edições esmeradissimas ao alcance de todas as bolsas ✦

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos
até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- | | |
|---|-----|
| I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia | 300 |
| II Impudicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos..... | 300 |
| III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. | 300 |
| No prélo: | |
| IV (e ultimo volume) Tempos modernos..... | 300 |

RENÉ EMERY

S.^{ta} Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura—
II Chammes de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.
I eleg. vol. em 8° com artistica capa
a 8 côres **700 rs.**

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passional, baseado na narrativa biblica
1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artistica **700 rs.**

JIU-JITSU

TRATADO PRATICO
DE PREPARAÇÃO
E DE COMBATE

I vol. edição de luxo com 19 bellas
photogravuras de pagina
600 reis

A Guerra nos Ares

por G. H. WELLS

hem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES.", o entrecho amoroso que to na todos os episodios palp tantes de u ntimeto e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drata o papeis mais sympathi e os que mais falam ao cor ção. scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo de absoluta enrença e de profunda fé no edal que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo **reis 60**

Volumes publicados

1. A vespa g gente. 2 Os cerviches do deserto. 3. A armada aerea. 4 O Cx nibate no A lantico. 5 O ataque a No a-Yorck.

Actualmente, os romances de aventura extraordinarias e os romances de observação cheios de imprevisto, de situações altamente dramaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos os rogridimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substituem a novella sentimental, piegas, que noutro tempo fez as delicias dos nossos maiores.

O assumpto principal desta magnifica obra, resume-se na lue a tremenda entre as potencias que actualmen e se impõem ao mundo pela supremacia da força.

Wells, o auctor desta inconfundivel produção n° o descurou tam bem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES.", o entrecho amoroso que to na todos os episodios palp tantes de u ntimeto e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drata o papeis mais sympathi e os que mais falam ao cor ção. scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo de absoluta enrença e de profunda fé no edal que visam.